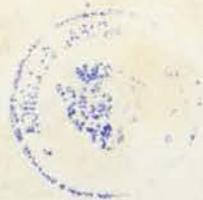
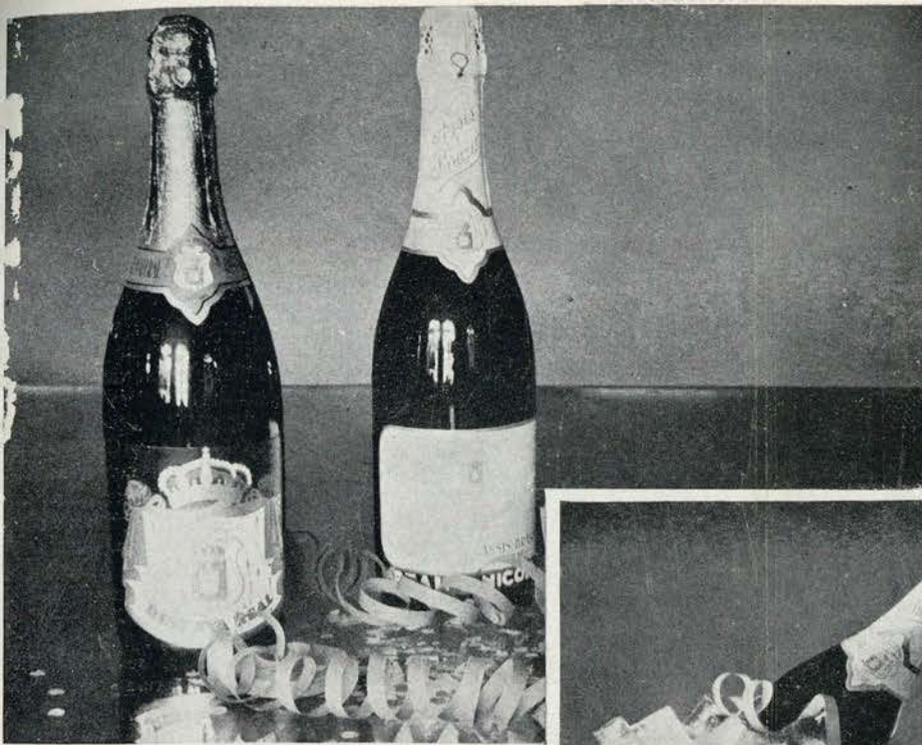
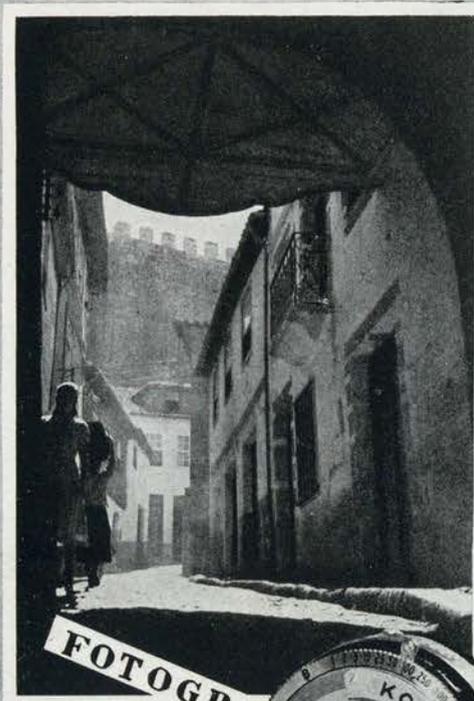
REVISTA DE ARTE E TURISMO

Passeio Publico; Barreto lyth. e Annunciação fig.

PANORAMA

NUMERO 13 ★ ANO 3.º ★ 1943

Capa e Fotolitografias: Lit. de Portugal e Fotogravura Nacional, Lda. — Tricromia (gravura) Bertrand, Irmãos, Impressão E. N. P. — Gravuras. Bertrand, Irmãos e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e impressão: Tip. E. N. P.

Aqui se aconselha...

ENTRE as casas que em Lisboa têm à venda a melhor e maior variedade de produtos de beleza destaca-se a PERFUMARIA DA MODA, na Rua do Carmo, 5 e 7. Confirmam o que dizemos as numerosas senhoras de bom gôsto que preferem fazer ali as suas compras dos PRODUTOS HARLÉSS, de que aquela perfumaria é depositária. HARLÉSS — são perfumarias de grande classe e, por isso, se explica a enorme procura que têm.

MAIS LUZ E MENOR CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve sem dúvida ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas ,também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

NAUMANN é sem dúvida a máquina de costura que satisfaz completamente as senhoras mais exigentes. Se quere conhecer os modelos desta apreciada máquina, visite a exposição no stand NAUMANN, na Rua Eugénio dos Santos, 169 a 173, em Lisboa, onde também pode tirar, grátis, o curso de coser, de cortar e de bordar. NAUMANN tem agentes em todo o país que atenderão, prontamente, os pedidos que lhe dirijam.

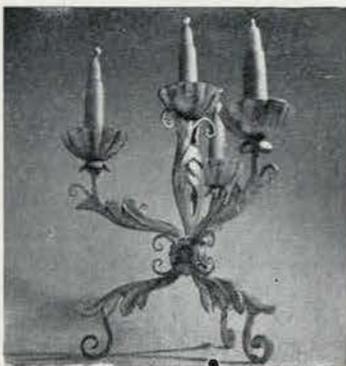
ESTA fotografia é duma bonita jarra decorativa, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

que leia, veja e compre

INSTANTA — a moderna casa de artigos fotográficos na rua Nova do Almada, 55-57, Lisboa, em cujos laboratórios se executam, com a possível brevidade e o máximo cuidado e perfeição, todos os trabalhos de fotografia — como: revelagens, cópias, ampliações, etc. — e onde presta serviço pessoal especializado em *Leica, Contax, Retina* e *Cine 8 m/m,* publica esta foto (negativo Leica do sr. Júlio Bastos) premiada no concurso que mantém aberto.

SEGRÊDO DE AMOR — o novo romance da escritora D. Maria de Figueiredo — é mais uma afirmação do talento da sua autora, notável poetisa e romancista que na literatura infantil alcançou já a merecida consagração sob o pseudónimo de Tia Néné. Êste romance é um bem urdido entrecho de amor, onde em páginas emotivas triunfam os sentimentos virtuosos. Edição da PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA, da Rua Augusta, 52, Lisboa.

CUIDE da sua bôca! Mas considere que só um dentífrico científicamente preparado — como o SANOGYL — exerce uma eficaz acção desinfectante, sem prejudicar o esmalte dos dentes. Usar SANOGYL é uma necessidade. Adquira imediatamente um tubo e verifique os resultados! Estamos certos de que obterá os melhores, e passará a usar sempre a pasta SANOGYL.

ESTÁ tratando da decoração da sua casa? Mesmo que não esteja... Ou talvez tenha necessidade de escolher um brinde de «bom gôsto», para oferecer a alguém de sua amizade. Aqui o aconselhamos que procure ver a enorme variedade de excelentes TRABALHOS EM FERRO FORJADO — como sejam: candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados e em exposição na CASA ESTEVES, na Rua das Amoreiras, 88, em Lisboa.

CADA FOTOGRAFIA MAIS BONITA QUE A ANTERIOR!

Esta máquina, bonita e de tão simples manejo, pode adquiri-la em qualquer boa casa de artigos fotográficos. Além de outras vantagens o que nela mais seduz é a nitidez do seu extraordinário visor.

VOIGTLÄNDER «BRILLANT»

12 fotos do formato 6×6 cms.

COMP. LUSITANA DE FÓSFOROS — PÔRTO

NESTLÉ
"Nestogéno"
LEITE EM PÓ
NESTLÉ
MEIO GORDO E AÇUCARADO
"Nestogéno"
LEITE EM PÓ PREPARADO ESPECIALMENTE PARA A ALIMENTAÇÃO DAS CRIANÇAS, TENDO POR BASE O MELHOR LEITE FRESCO, ESCRUPULOSAMENTE SELECCIONADO

sentinelas do mar

O FORTE DE S. FRANCISCO XAVIER

por

Carlos Pereira Callixto

DE Norte a sul, ao longo de todo o litoral lusitano, são inúmeras as fortificações que os nossos antepassados construíram, para defender os seus haveres e garantir o sossêgo.

Os velhos castelos medievais são hoje lindas e pitorescas relíquias de um passado glorioso. Junto dêles, ao avistar as suas altas e esbeltas tôrres ameiadas, não deixamos de evocar o esfôrço feito pelos soldados dos nossos primeiros monarcas, na consolidação da Pátria Portuguesa. A êsses antigos baluartes, tornados inúteis pelo desenvolvimento da técnica guerreira e da invenção da pólvora, seguiram-se as grandes fortalezas, como a de S. Julião da Barra e de Peniche, construídas em linhas direitas, evitando as superfícies enrugadas, para tornar menos prejudicial a acção do fogo inimigo.

Se os castelos feudais da Idade Média eram edificados nos cimos dos montes, donde o «senhor» vigiava a vida e o trabalho dos povos submetidos ao seu mando, as fortalezas quinhentistas foram construídas nas quebradas do litoral, dominando praias e rios. Uma muralha de alguns metros de altura, uma bateria voltada ao mar, e um fôsso pelo lado de terra — nisto se podem resumir as fortificações construídas nas nossas praias, segundo o estilo «Vauban».

Além das grandes fortalezas, foram levantados nos portos do litoral de menor importância pequenos fortins, guarnecidos por meia-dúzia de soldados que tinham por missão defender, por exemplo, um pequeno pôrto de pesca.

De tantas fortalezas que foram construídas no nosso litoral, chegou aos nossos dias, salvo êrro, apenas uma quarta parte. A acção do tempo, a fúria das ondas e, na maior parte, o vandalismo dos homens reduziram a ruínas, sem dó nem piedade, grande parte dêsses antigos fortins. Sòmente há poucos anos, graças à acção meritória da Direcção dos Monumentos Nacionais, se iniciaram as obras de reparação e reconstrução de muitos castelos e fortificações.

Presentemente, um fortim corre o risco de desaparecer, se as autoridades competentes não decidirem conservá-lo. Situado à beira-mar, entre a Foz do Douro e o Pôrto de Leixões, enfrentando a Avenida da Boa Vista, ergue-se o Forte de S. Francisco Xavier, mais conhecido pelo *Castelo do Queijo*. É um velho fortim construído na época da nossa Restauração, sem qualquer particularidade notável, que o distinga de tantos outros, espalhados ao longo do litoral.

Na época da construção dêste Forte, o local onde hoje passa a avenida marginal não era mais do que um descampado, formado por rochas e matos bravios, onde o mar entrava e o vento batia. O plano de urbanização da capital do norte, transformando esta parte da costa numa agradável avenida, onde sabe bem passear em noites quentes e de luar, veio acordar o velho forte, que há tantos anos dormia o sono do abandono, esquecido de tudo e de todos. O aspecto velho e arruïnado do fortim deve acordar em alguns modernistas o desejo de o verem arrasado, e o seu local transformado num amplo passeio.

A meu ver — e de igual modo devem pensar muitos portugueses — esta fortificação, a-pesar-de condenada a não ser mais de que um simples motivo decorativo, não deve ser destruída. O *Castelo do Queijo* deve ser conservado e, como muito bem sugeriu um jornal da tarde da nossa capital, podia ser adaptado a um mirante, mas, (e êste *mas* é importantíssimo) sem lhe modificar o aspecto antigo, e sem arredar do seu lugar uma única pedra.

Cabe ao Município do Pôrto, a quem pertence hoje êste fortim, não deixar que êle desapareça, como tantos outros, e tornar realidade êste desejo.

pousadas à beira-mar

por

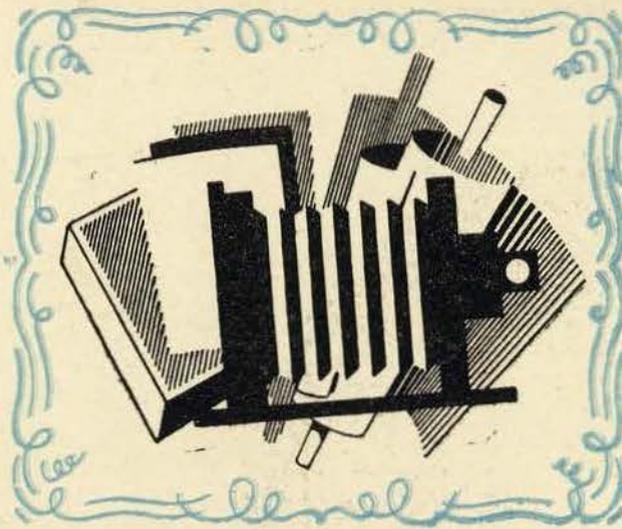
Joaquim Pacheco Neves

ULTIMAM-SE os aprestos nas pousadas que o Secretariado da Propaganda Nacional mandou erguer em vários pontos do país. Com cuidadosa minúcia, com estudos pormenorizados, dão-se os retoques finais para que nada falte e ao último da hora não surjam improvisações e enxertos que destoem no equilibrado conjunto. Foi-se devagar, mas caminhou-se.

Aqui e além, já branquejam nas corcovas dos cerros, ou junto a extensos vales, debruçadas sôbre abismos profundos, essas formosas construções, erguidas ao gôsto da região, onde não falta o confôrto acolhedor e franco de certas casas solarengas. Delas desfrutam-se largos horizontes, belezas panorâmicas sem par, onde a vista cansada das miüdezas do ofício se deleita, embevecida, e repousa na tranqüilidade da natureza.

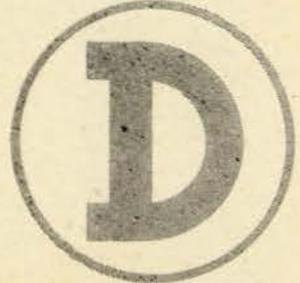
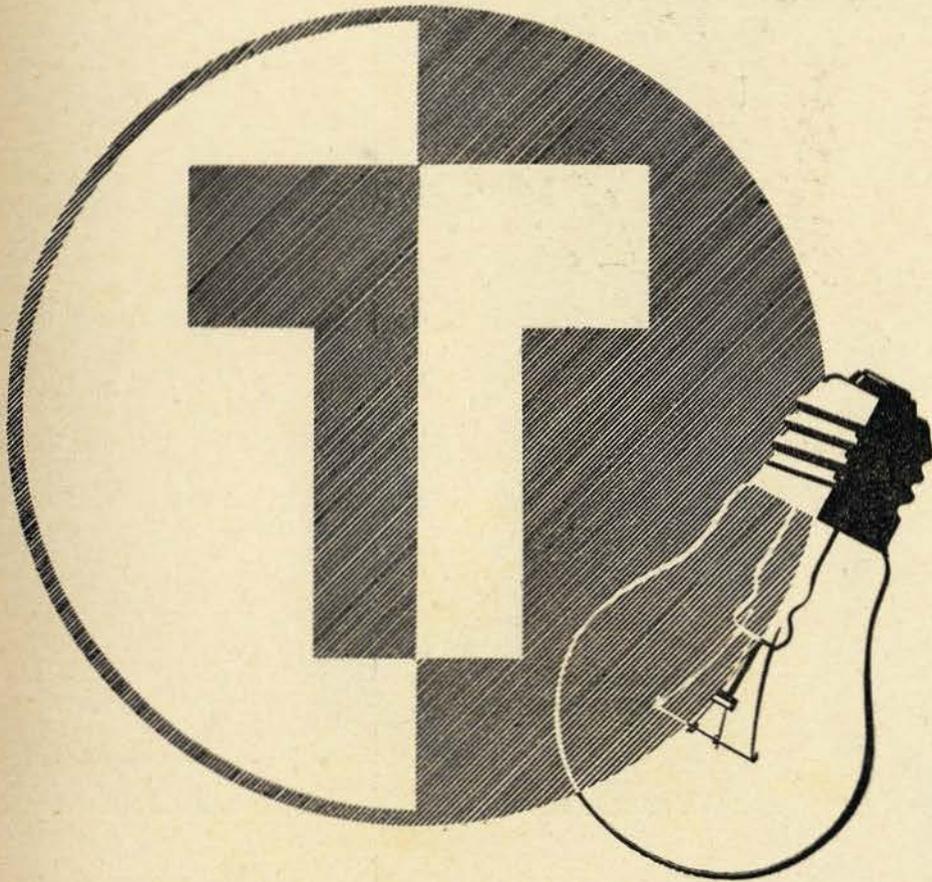
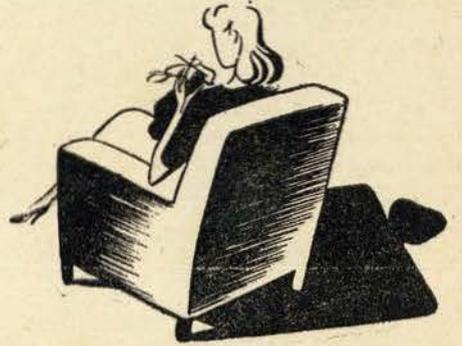
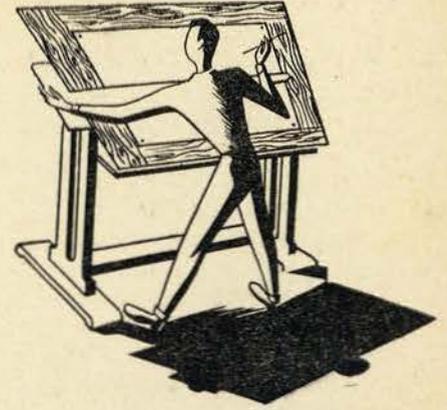
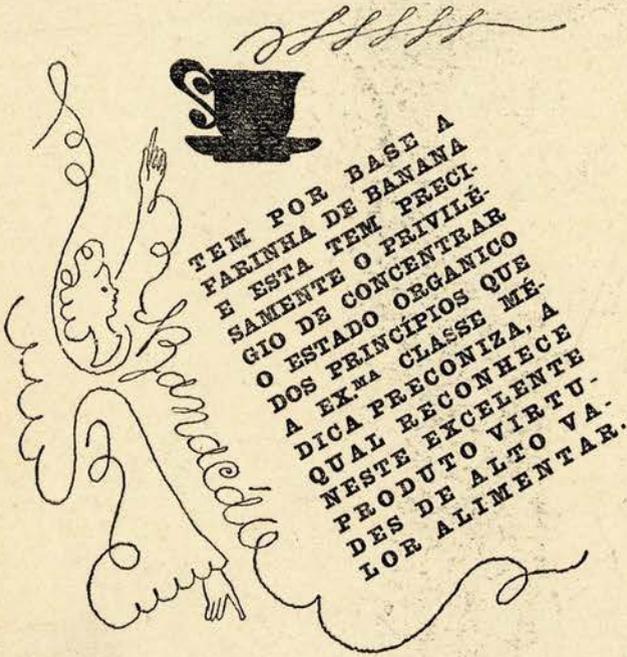
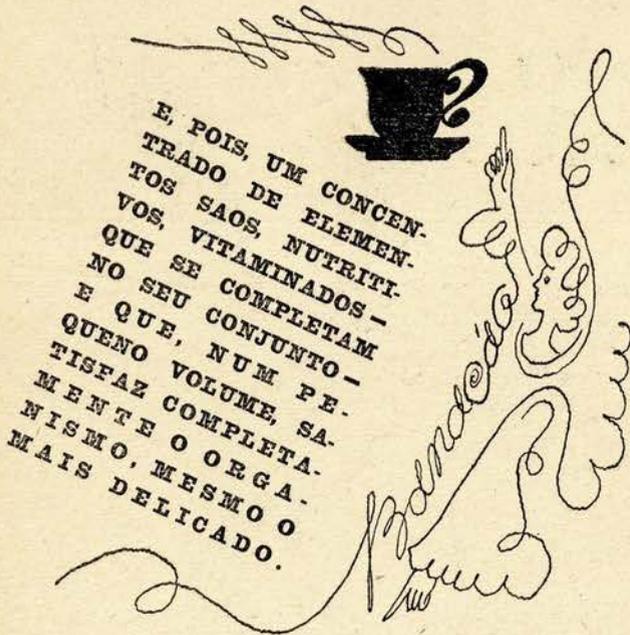
Vai a gente de longada pela terra dentro, abeira-se das regiões onde uma característica atraente chama a curiosidade do caminhante, e aí as vemos nos melhores locais, entre clareiras de vegetação, com as suas sebes, os seus miradoiros, os seus confortos. À sua volta há paz, perfumes campestres, a rudeza da montanha, o viço dos campos de semeadura, silêncios que permitem a concentração interior e o êxtase pela obra divina da criação.

Embora tenham a nota simples das ermidas e das brancas capelas, que se erguem no caminho da serra em direcção do céu, sem mostrarem arrebiques hoteleiros, nem serem arribanas onde o sol e o ar fiquem a adejar, intimidados, em seu redor, são construções alegres, abertas à luz, rasgadas de janelas, aconchegadas nos interiores, simpáticas aos olhos e atraentes ao espírito.

Dentre as que conheço, no norte, não há uma que se debruce sôbre o mar. Perdem-se entre montanhas, distanciam-se para longe, como esquecidas das mil cambiantes que as águas encrespadas mostram, das suas tonalidades glaucas, das suas fosforescências e escamarias apalhetadas, dos seus rumores dormentes em dias de calmaria, dos seus arrancos e crispações dementadas, quando o céu se abre em ralhos furibundos e as águas rugem furores que açoitam as areias quietas e sonolentas do litoral. Então, se junto ao mar se estende um colar gigante de penedos (de dorso a descoberto uns, a emergirem das águas revolutas outros, todos a escorrer a babugem fina da espuma) a beleza supera a imaginação e toma jeitos de providencial, se se abre em recantos e deliciosos portinhos onde as águas dos rios se escoam. E se acontece a êste acasalamento de belezas juntar-se um fundo panorâmico de terra, onde colinas vicejantes crescem por cima da alvura mate das casas ou um monumento sobreleva e domina o conjunto apinhado da povoação, poderá dizer-se que a natureza se abriu num prodígio que os nossos olhos não se cançam de ver.

Eu penso que é num panorama idêntico que devia procurar-se, agora, instalar uma pousada — junto do mar, na foz de um rio, a distância de uma povoação, com a visão do campo ao alcance dos olhos.

E não se me diga que é impossível achar a maravilha. Localidade conheço eu, onde tais feitiços se reünem, para mais já com um edifício que um simples arranjo poderia adaptar convenientemente: — é um castelo, dos conhecidos por *Lippinos*, que já foi pertença do Ministério da Guerra, transitou, em seguida, para o das Finanças e, como se não quisesse parar no seu cirandar, acabou por ser entregue à Câmara Municipal. Dentro dêle caminha-se com largueza; nas lojas, o espaço permite fácil arranjo; tem óptimos miradoiros, admiráveis pontos de vista, situação privilegiada. Está isolado, junto ao mar, perto do rio, a dois passos de uma capelinha de mareantes. Nada lhe falta às condições que as pousadas requerem para atrair os caminheiros.

Essa localidade chama-se Vila-do-Conde.

TUNGSRAM

BANACÁO

BANACÁO

BANACÁO

É SAUDE PARA TODOS

ATLÂNTICO

REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA E LITERATURA

Leia o 3.º número

EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL E DO DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA DO BRASIL

REDACÇAO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA, 45, 2.º, D. — LISBOA

REVISTA MUNICIPAL

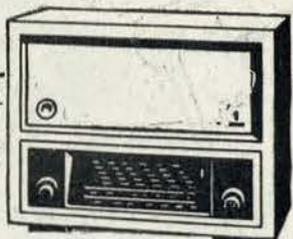
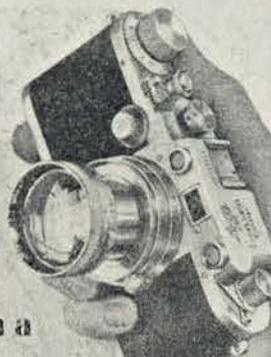
EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

**PELA SUA APRESENTAÇÃO
PELOS ASSUNTOS QUE TRATA
E DOCUMENTOS QUE INSERE,
NÃO INTERESSA APENAS
Á POPULAÇÃO DA CAPITAL**

INTERESSA A TODO O PAÍS

DESDE que se fabricou a primeira lâmpada «Philips» – há mais de meio século – a organização «Philips», pelos trabalhos saídos dos seus importantes laboratórios e pela alta qualidade do material que produz, tem contribuido largamente e duma maneira decisiva para o aperfeiçoamento e maior eficiência das indústrias eléctricas.

PHILIPS

PREFIRAM SEMPRE
aurora severo
Café
COLONIAL

TUDO MUDADO

Naquele tempo uma bicicleta custava 30 mil réis, uma motocicleta 150 e um automóvel, dos melhores, 3 contos de réis.

A Rua dos Fanqueiros, em Lisboa, onde estava instalado o nosso escritório desde 1901, chamava-se então Rua da Princesa, o nome da nossa Companhia era «Colonial Oil Company», e um litro de gasolina custava só 1 tostão.

Tudo mudou! Aquele tempo não volta mais – mas a época presente também há-de passar.

Deixará de haver falta de lubrificantes e combustiveis que tanto nos faz lembrar a outra guerra... que também passou como esta há-de acabar, para que possamos prosseguir no nosso objectivo, que é a nossa razão de existência: SERVIR ÚTILMENTE V. Ex.ª

1943

SOCONY-VACUUM

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA, 45, 1.º - TEL. 29311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NÚMERO 13 ★ FEVEREIRO, 1943 ★ VOLUME 3.º

CAPA: «PASSEIO PUBLICO, EM LISBOA», LITOGRAFIA DE ANUNCIAÇAO — «HORS-TEXTE» DE: MILY POSSOZ E CARLOS BOTELHO — DESENHOS DE: PAULO FERREIRA E BERNARDO MARQUES — FOTOGRAFIAS DE: A. DE Q. R. VAZ PINTO, ADRIANO LOPES VIEIRA, ANTONIO PINHEIRO, CONSTANTINO VARELA CID, FERNANDO BLIEBERNICHT, ENG.º FRANCISCO CALDEIRA CABRAL, FRANCISCO SANCHES, HORACIO NOVAES, J. OLIVEIRA FERNANDES, LUCIO BATISTA, MARIO NOVAES E DR. TAVARES DE ALMEIDA.

Condições de assinatura: Continente e Ilhas adjacentes, 6 números 30$00, 12 números 60$00 — Colónias Portuguesas, 6 números 35$00, 12 números 70$00 — Estrangeiro, 6 números 50$00, 12 números 100$00

PREÇO: 5$00

Notas de estética

REVISÃO E ELOGIO DO MAU GÔSTO

por Leitão de Barros

HÁ muita gente que arrumou definitivamente certas idéias estéticas e, entre elas, alguns «casos» de mau gôsto. E há ainda muita gente que confunde «bom gôsto» com «moda». Parece que é tempo de rever algumas «leis» que se estabeleceram entre nós — e às quais não são indiferentes os escritos de alguns críticos e artistas, todos havidos e ainda hoje considerados como os padres-mestres do bom gôsto na casa e na terra portuguesas.

Sito, ao acaso, um certo número de falsas idéias correntes, e digo correntes em todos os sentidos — correntes porque correm, e correntes porque prendem.

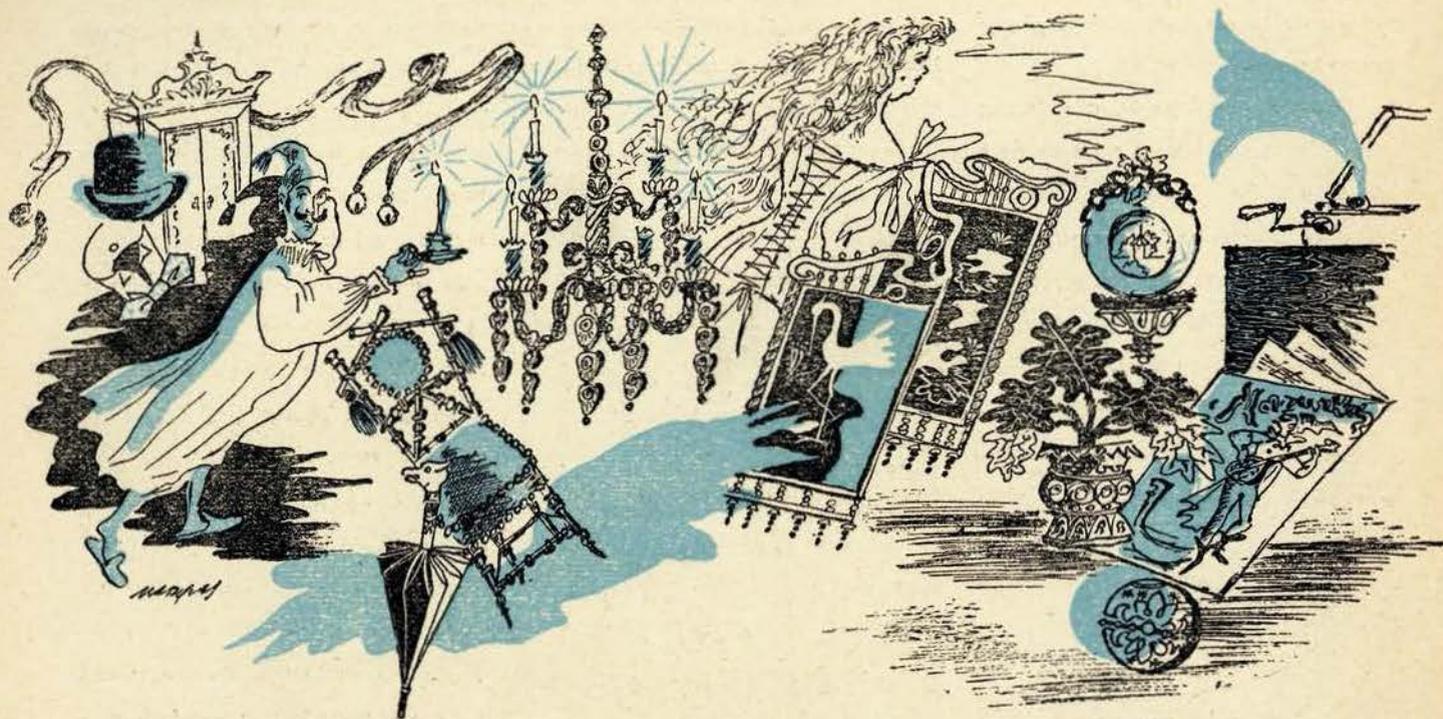
Por exemplo: estabeleceu-se, desde Fialho, que a Palmeira é uma árvore «horrível». (Êle chamou-lhe «árvore com cabelos nas pernas»). Em primeiro lugar levaria longe a discussão sôbre o que se entende por árvore «horrível», e em segundo lugar levaria muito tempo a justificar o direito do Homem discutir e criticar a Natureza que o cerca.

Parece, afinal, que a Palmeira é, apenas, uma das espécies vegetais de beleza mais fàcilmente compreensível, das mais atraentes na sua prodigiosa geometria, das mais ricas e expressivas no seu misterioso simbolismo. Árvore consagrada por dezenas de séculos, em que o génio humano a escolheu e dignificou, copiou e amou; árvore perene, frondosa e duradoira, fecunda e plena da mais alta dignidade e majestade, austéra na sua verticalidade e no seu coroamento,

que tem sido fonte e inspiração e tema milenário desde egípcios, assírios, gregos e romanos.

Da Palmeira diz-se, ainda, que se não deve plantar em Lisboa «porque dá a isto aspecto de África». Essa idéia corrente — e acorrentada aos espíritos de muitos dos nossos artistas desprevenidos, ou cujo critério de bom gôsto assenta nos lugares comuns tornados «indiscutíveis» pelo comodismo ou pela pura e simples inferioridade renovadora — fez carreira. Numa capital que se orgulha de ser Mãe de Impérios, a exótica flora que o seu solo maternal possa acolher bem (e cujo clima se diria destinado à sua perfeita floração) — dever-se-ia plantar a palmeira como expressão e justificação, recordação e direito dessa Posse e dessa Conquista imperial, firmada há séculos. Não falemos das expressões utilitária e económica dessa plantação. Limitemos o pensamento ao seu simbolismo decorativo. Nessa Avenida da Índia — por exemplo — onde, com extremo trabalho, se andaram a transplantar de grúa velhas acácias atarracadas e doentes — ¡ que maravilhosa, justificada, admirável perspectiva de gigantes tamareiras não deslumbraria como «condução» e ante-câmara a essa apoteótica e esplendorosa Praça do Império, criação genial do maior urbanista que, a meu ver, Lisboa conheceu algum dia, e que se chama Duarte Pacheco! É certo que, na mesma praça, os magros ciprestes de muletas, em terreno salgadiço e de areia, são, ainda, um outro exemplo do «lugar comum», mas aqui do «bom gôsto». Supôz-se que o cipreste, que na Beira e nas colinas do vale do Mondego, no passal do prior ou na cêrca da igreja, no cemitério, na quinta e na horta, quebra com a mancha verde-bronze da sua folhagem densa a graça filigranada dos choupos e dos ulmeiros — era a árvore decorativa e apropriada para os areais

de entulho e de areia da velha «Praia das Lágrimas». Condenaram-se aos trabalhos forçados e perpétuos do estrume e da renovação das terras, aquelas árvores enfézadas, deslocadas e artificialmente mantidas à custa de tratamentos dispendiosos, apenas, talvez, porque é «moda» o cipreste em certos desenhos de jardins e praças estrangeiras, onde êle fica bem e é tradicional. O pinheiro romano, o cêdro napolitano, as ravinas de Corfú, a palmeira mediterrânea — tudo tem a sua razão de ser. Mas razão mesológica. O que nunca ninguém viu foi ciprestes à borda de água e ao seu nível, plantados em areia! Mas — é moda... e é de «bom gôsto»!

Não só nos exteriores, mas também nos interiores, o «preconceito» tem feito das suas. Vejamos, primeiro, um caso de «bom gôsto». Têm-se arranjado muitos palácios antigos — palácios nacionais que estavam em ruinas. O Ministério das Obras Públicas, num admirável esfôrço, tem salvo de ruína eminente essa parte do nosso património. O trabalho dispendido em Queluz é, sob o ponto de vista da segurança, notabilíssimo. O mesmo sucedeu em São Carlos. Só há que louvar com entusiasmo o esfôrço do Ministro e do seu Gabinete. Mas... nem sempre, em pormenores, o critério do bom senso prevaleceu sôbre o terrível lugar comum do «bom gôsto». Há bastos exemplos. Citemos um: os lustres. Tôda a gente sabe que um dos motivos de decoração que mais completa o ambiente dêsses belos salões antigos, «foyers», corredores, galerias, recâmaras, — são os lustres, as placas de espelhos e de pingentes de cristal lapidado. Então, o que se fez? Procurou-se, na realidade, alguma coisa que desse essa matéria deslumbrante? Fez-se alguma reconstituição de boas peças antigas do género, com os respectivos materiais? Nada disso. Era preciso improvisar, em quantidade e em série, lustres do século XVIII, e isso seria impossível. Então, com vidro de garrafa pendurado, armaram-se umas caranguejolas pardas, sem brilho, eternamente baças de pó e, onde

estava Bacarat, está «Gaivotas»... Ora não é êste o tipo de restauração e de reposição que o esfôrço, a vontade e a intenção do Gabinete das Obras Públicas merecia. E, valha a verdade, no aspecto de fortalecimento de tetos e de paredes, de cuidadoso estudo das plantas, de reïntegração arquitectónica de fachadas e de salas, e de valorização geral, o critério, felizmente mais controlável pela engenharia do Gabinete, foi mantido noutro plano de elevação. A que atribuir, então, êsse deslise? Ao «lugar comum» do bom gôsto, que faz repetir, incessantemente, a banalidade convencional dos «Connoisseur» e dos «House and Garden», e que imprime o horrível espírito «de série» ao que deveria ser pitoresco, personalidade, originalidade, ambiente e criação contínua e renovada sempre.

Venha agora um exemplo de «mau gôsto»! O chamado 2.° Império, que deu as admiráveis e sólidas mobílias de mógno «Napoleão III», são consideradas pelos nossos «mestres de bom gôsto» de Lisbôa, como de «horrível mau gôsto». Camapés que são «trouvailles», extraordinários, de talha fina e graciosa; preciosas jardineiras e «consôles»; deliciosas mesas de costura — tudo isso foi relegado ao plano do infecto, pelo bárbaro bric-á-brac dos armários «renascença» de pinho engraxado, das cadeiras de cerejeira verde dos arredores do Pôrto (a que os agentes de leilões chamam «Kinane», dando à excelsa Raínha Ana uma ortografia demasiado lisboeta) ou dos armários e cómodas de embutidos recortados à serra e envernizados (a que os mesmos agentes audaciosos chamam móveis de «bule», em paralela paródia sónica). O móvel não é estudado na sua construção e material, na sua expressão utilitária, na sua lógica e nas suas proporções, no seu ambiente, na comodidade que a sua utilização concede. Ou é do «cliché» — tipo comercial do «bom gôsto» (embora mal construído, de má madeira e de nenhuma utilidade) e, então, diz-se de «estilo» — ou é de «mau gôsto», e então pode ser de cânfora ou de ébano, enmalhetado ou embutido, folheado ou pulido, de raiz ou encrustado de metal — e não vale nada! Por mim, prefiro mil vezes êsses móveis de mau gôsto, sólida e admiràvelmente construidos com lentidão e acabamento, às «renascenças» de pinho verde de caixotes com as tais «rafaelas», e os «torcidos» e «tremidos» besuntados de graxa que me fazem tremer. E, sobretudo, prefiro mil vezes um simples quebra luz de papel — a alguns cácos de garrafões embaciados, pretenciosamente a fingir de lustre de cristais de «muito bom gôsto» — e de muito «bom preço»!

Desenhos de Bernardo Marques

A AMPLIAÇÃO DO MUSEU DAS JANELAS VERDES

pelo

Dr. João Couto

Director dos Museus Nacionais de Arte Antiga

As pessoas que tiveram, há poucos anos, o encargo de estudar a instalação das nossas colecções de arte antiga, não pensaram, de-certo, na construção de um novo Museu com as características precisas e em local adequado — calmo, isolado e sem poeiras. Esta solução teria sido, sem dúvida, a melhor.

Mas o Palácio dos Condes de Alvôr, às Janelas Verdes, embora não fôsse suficiente, mesmo completado, para abrigar os valiosos agrupamentos do Museu, tinha tradições que, segundo pareceres antigos, não permitiam abandoná-lo. O problema, pôsto nestes termos, obrigava a construir a parte do Palácio no seu lado nascente e a acrescentá-lo com novas edificações, de forma a obter-se maior área de exposição.

A solução do primeiro ponto era fácil e resultou, como hoje se pode ver, felicíssima. A forma única de resolver o segundo objectivo, dentro do espaço limitado pela Travessa José António Pereira, pela Rua das Janelas Verdes e pelo Jardim da Rocha do Conde de Óbidos, consistia em demolir o Convento das Albertas e em levantar, no local, outra construção. Foi o que sucedeu.

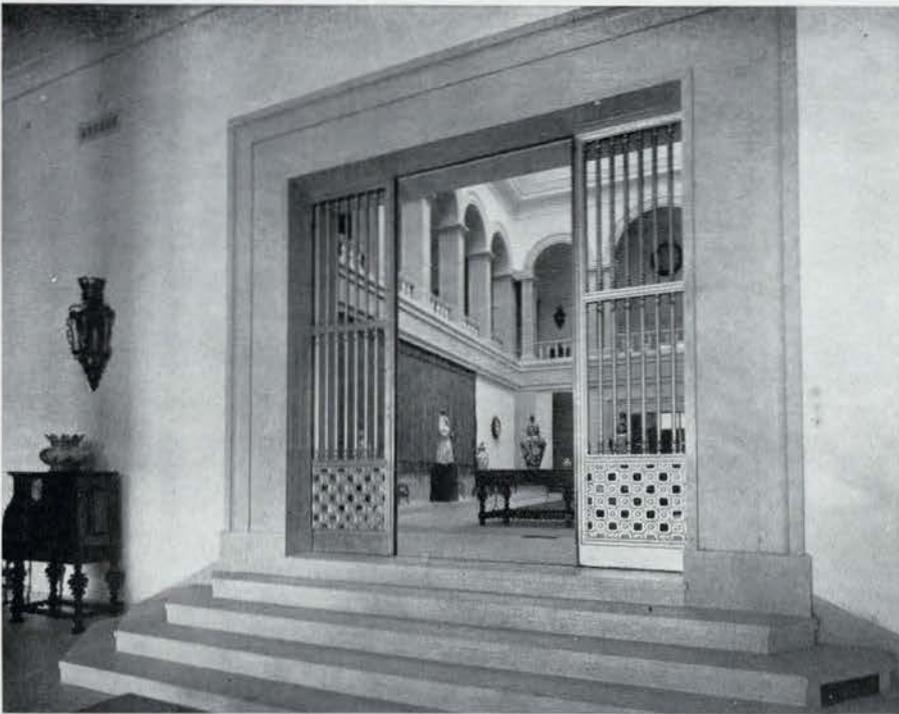
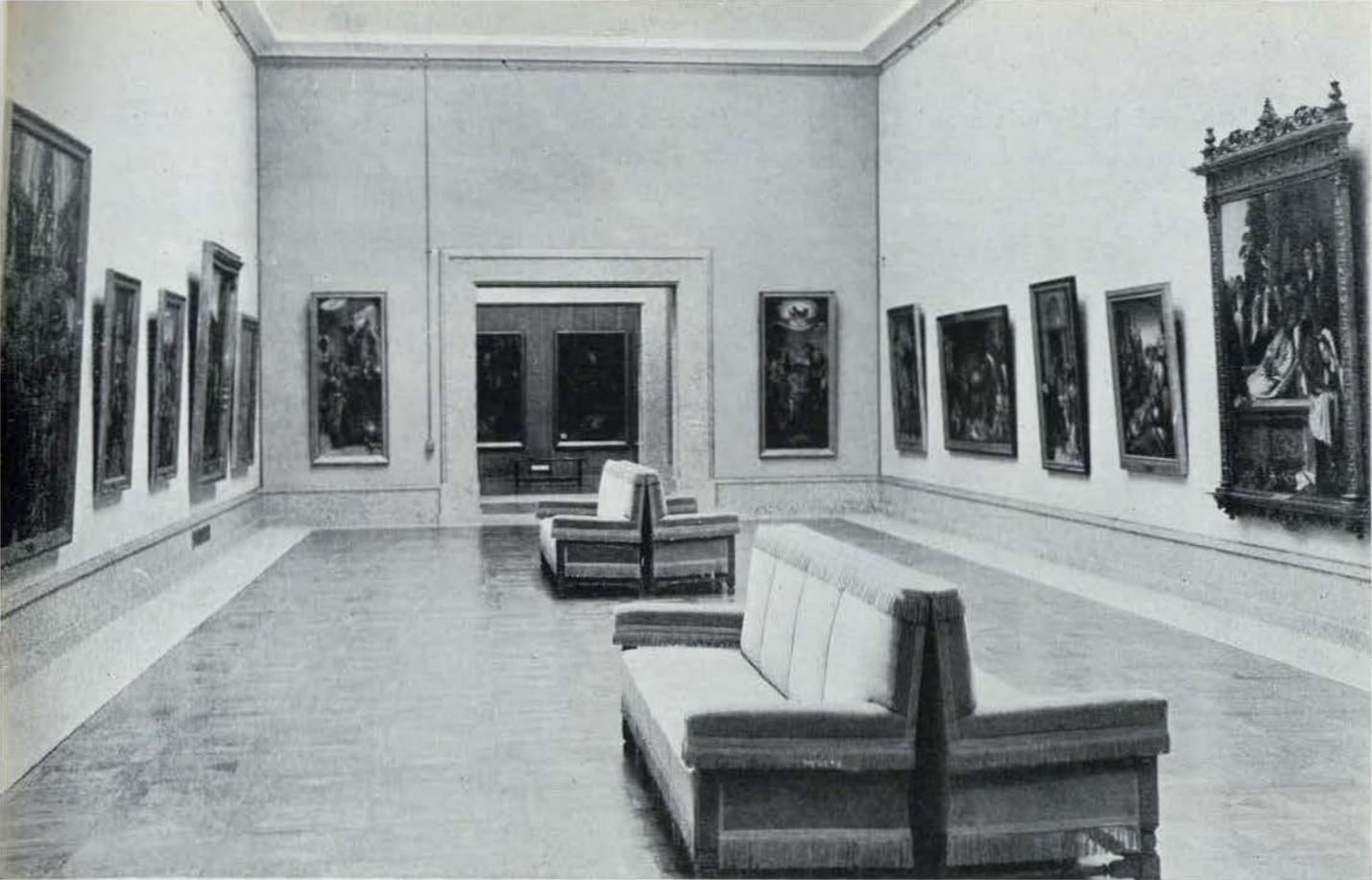
As obras do acrescentamento do lado poente começaram em 1917-1918, segundo o risco do arquitecto Adães Bermudes. Nesta altura desaparece o Convento, abrem-se e enchem-se caboucos e constroem-se as paredes até ao primeiro piso. Porém, a obra parou aqui e assim se manteve até Setembro de 1937.

Postos de parte os projectos iniciais de Bermudes e aqueles que fizera mais tarde o Professor José Luiz Monteiro, os trabalhos prosseguiram naquela data, segundo o programa do Dr. José de Figueiredo e os riscos do arquitecto Guilherme Rebêlo de Andrade.

Em Dezembro de 1939 o edifício estava concluído. Compõe-se de três andares, dos quais o inferior se destina a arrecadação. O primeiro andar tem, além do amplo vestíbulo e do grande salão, duas séries de salas — três no lado norte, ligando com a Capela das Albertas e cinco no lado sul, tôdas iluminadas lateralmente.

No andar superior, que fica ao nível do pavimento nobre do Palácio, além da Galeria, aberta por meio de uma colunata sôbre o salão, há doze compartimentos com luz zenital, perfeitamente regulável.

Exteriormente, a parte nova é sóbria. A porta de entrada, que dá para o Jardim da Rocha, ostenta, sôbre as volutas que rematam as pilastras, duas figuras alegóricas, esculpidas por Diogo de Macedo.

O edifício, muito bem construído e, em parte, revestido de belos mármores de Pêro Pinheiro, destina-se,

O Vestíbulo. — Passagem do Vestíbulo para o Salão. — A Sala da Pintura Flamenga.

Dois trechos do interior das novas instalações do Museu das Janelas Verdes — a Sala da Pintura Portuguesa do Séc. XVI e a Sala da Pintura Francesa e Italiana — onde se evidencia o justo critério que presidiu ao arranjo arquitectónico e à arrumação das obras.

segundo o plano estabelecido pela actual Direcção, a abrigar, no pavimento inferior, as colecções de arte religiosa, cerâmicas nacionais e estrangeiras, esculturas, tapetes, móveis, etc.; no piso superior, a pintura portuguesa do século XV ao século XVIII.

O maior encanto dêste corpo acrescentado ao Museu e agora sumàriamente descrito, está na Capela de Santo Alberto, talvez o único motivo que pode justificar a conservação do Museu nas Janelas Verdes (1). Repositório de excelente obra de talha e de magníficos azulejos, ela permite mostrar, na sua opulência e verdadeiro lugar, os melhores exemplares de duas indústrias artísticas que tiveram no país cultores exímios e larga aceitação.

Em Dezembro de 1938 aproveitou-se a sala que foi antigo côro do Convento para a Exposição dos barristas portugueses. No ano de 1940, em todo o edifício, realizou-se a Exposição de Pintura Portuguesa dos Séculos XV e XVI.

No actual momento ocupa-a uma Exposição das melhores obras pertencentes ao Museu, que ali serão conservadas até sua definitiva arrumação. Isso sucederá quando, dentro de pouco tempo, estiverem concluídas as obras no Palácio Alvôr (2).

Lisboa, Fevereiro de 1943.

---

(1) No projecto Bermudes a Capela desaparecia. Nos projectos J. L. Monteiro e Rebêlo de Andrade a Capela foi mantida.

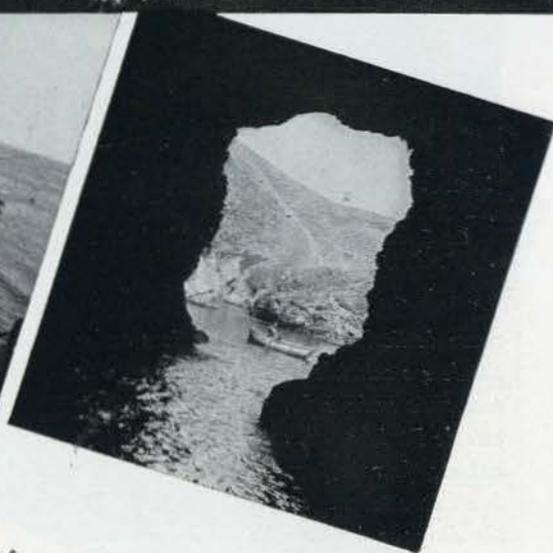
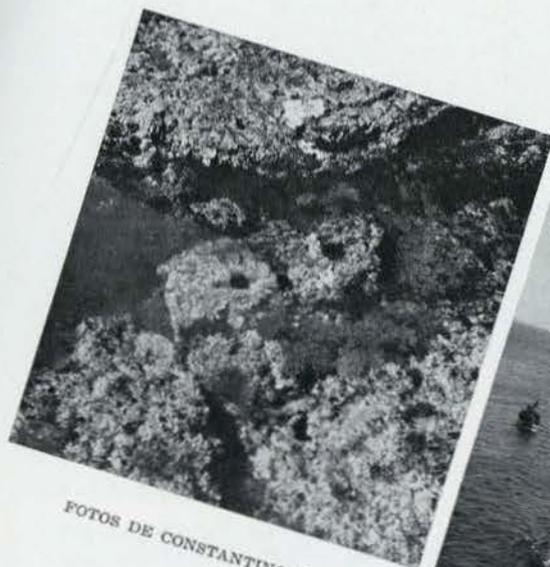
(2) Sôbre o assunto podem consultar-se os seguintes trabalhos: *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*, vol. I, pág. 45. *Brotéria*, vol. XXIV, pág. 499 e vol. XXXVI, pág. 34. *Roteiro da Exposição temporária de algumas obras de arte do Museu das Janelas Verdes*, Agôsto de 1942.

Fotos de Mário Novaes

Um aspecto da Sala de Arte Religiosa

BERLENGAS

Ilhas Portuguesas

por **RUY CINATTI**

FOTOS DE CONSTANTINO VARELA CID

Fortaleza de S. João Baptista. — Algas e ouriços do mar. — Traineiras pescando. — Gruta da Mochinga

Ao contrário de muitas das nossas belezas naturais, a Berlenga não se vê da janela do nosso quarto, não aparece na volta de uma estrada, nem sequer para quem tem olhos curiosos para descobrir o que a distância adivinha. Não! Para um lisboeta, basta chegar ao cais para poder seguir o dorso elevado e maciço da Arrábida; se trepar até ao jardim público de Almada poderá, em dias de céu descoberto, seguir o recorte romântico da Serra de Sintra. De qualquer modo, por muito mais bela que seja a paisagem, há sempre qualquer indício que a distância permite revelar. Com a Berlenga não. É preciso lá ir e, mesmo assim, não chega. É preciso ir lá e permanecer, pelo menos, três ou quatro dias.

Quem se debruça do varandim do cabo Carvoeiro com muito sol pela frente ou pelas costas, vê ao longe um bloco tabular emergindo do oceano. Mais longe ainda, depara com uma série de rochedos, uns maiores outros menores, diferentes na forma, ora agudos como pontas de lança, ora arredondados como dorsos de animais estranhos.

O observador tem à sua frente o grupo de ilhotas designadas pelo

Os Ferreiros e o Farilhão do Nordeste

um carácter simbólico, qualquer coisa que se deve aceitar, como um rito. É a homenagem ao mar e a prova de adaptação ao mundo diferente em que vamos viver.

Em geral, as pessoas que visitam a Berlenga, chegam às duas da tarde para partirem às seis. Assim que põem pé no cais, metem-se a correr para a Fortaleza, mal tendo o tempo necessário para dar o tradicional passeio de barco. A altura do dia não favorece a admiração. O sol desce a pique sôbre a rocha; as grutas ficam imersas em obscuridade; as próprias águas, de si tão transparentes, brilham demais para que se possam ver os jardins aquáticos.

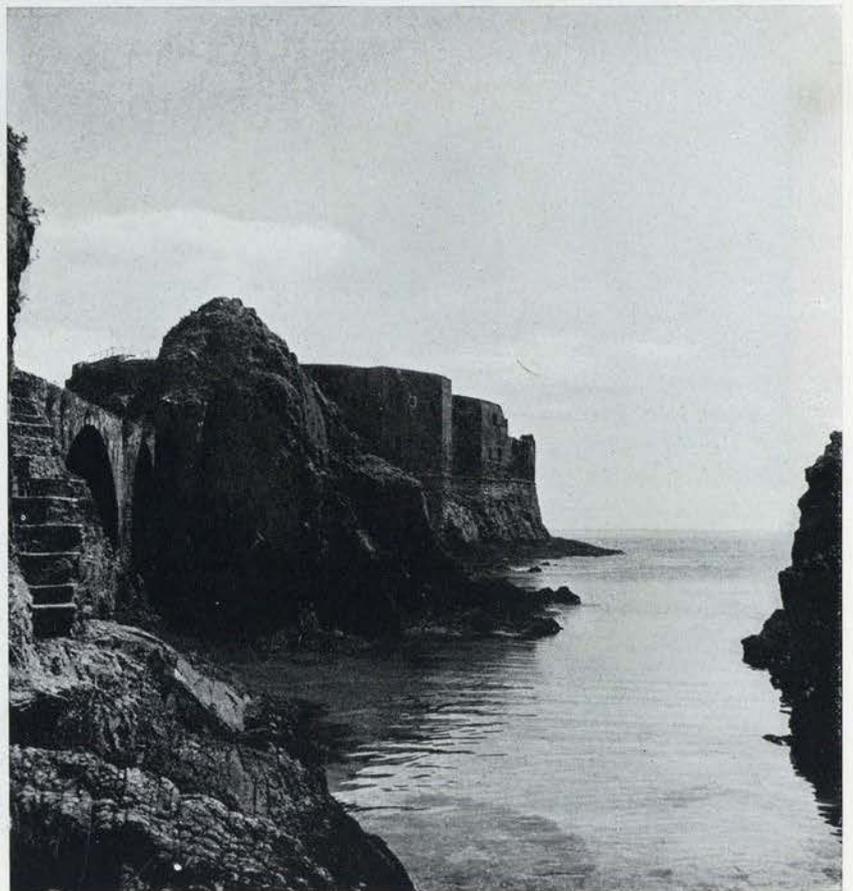
Mas, para quem lá fica dois ou três dias, tudo muda. É um descobrimento constante, um maravilhar sucessivo...

O bloco de rocha ergue-se do mar em escarpas recortadas na vertiginosa ascensão. Vista em conjunto, a ilha é de uma rudeza majestosa, ora avançando no mar

Outro ângulo da Fortaleza de S. João Baptista

nome de Berlenga e Farilhões. Se a curiosidade e o mistério das ilhas o possui, não tem mais nada a fazer do que ir até ao cais de Peniche. Aí, conversa com os pescadores, fala da pesca e do tempo; pode ir até uma taberna e «beber dois». Ou então dirige-se à Comissão de Iniciativa de Turismo. Qualquer das formas tem resultado seguro; há sempre uma traineira que o leva até à Berlenga Grande.

A travessia dura cêrca de uma hora, em mar calmo. Como beleza que é, a Berlenga não se entrega às primeiras impressões. É preciso atravessar o mar, senti-lo bem e às ondas que na «meia-via» fazem o barco subir e descer montanhas. Aliás, é o mar que contribui para a maravilha daqueles rochedos abertos em grutas, daquela água que apetece beber a longos tragos, pelos olhos, pela bôca, pelo corpo todo... pelo espírito. É o mar que nos assegura o desejado isolamento e a variedade paisagística. A travessia teve, pois,

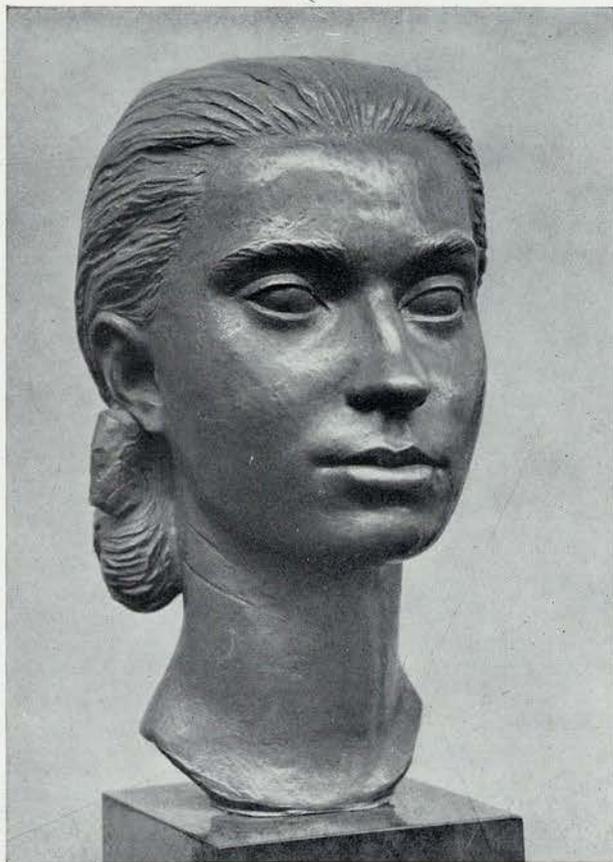
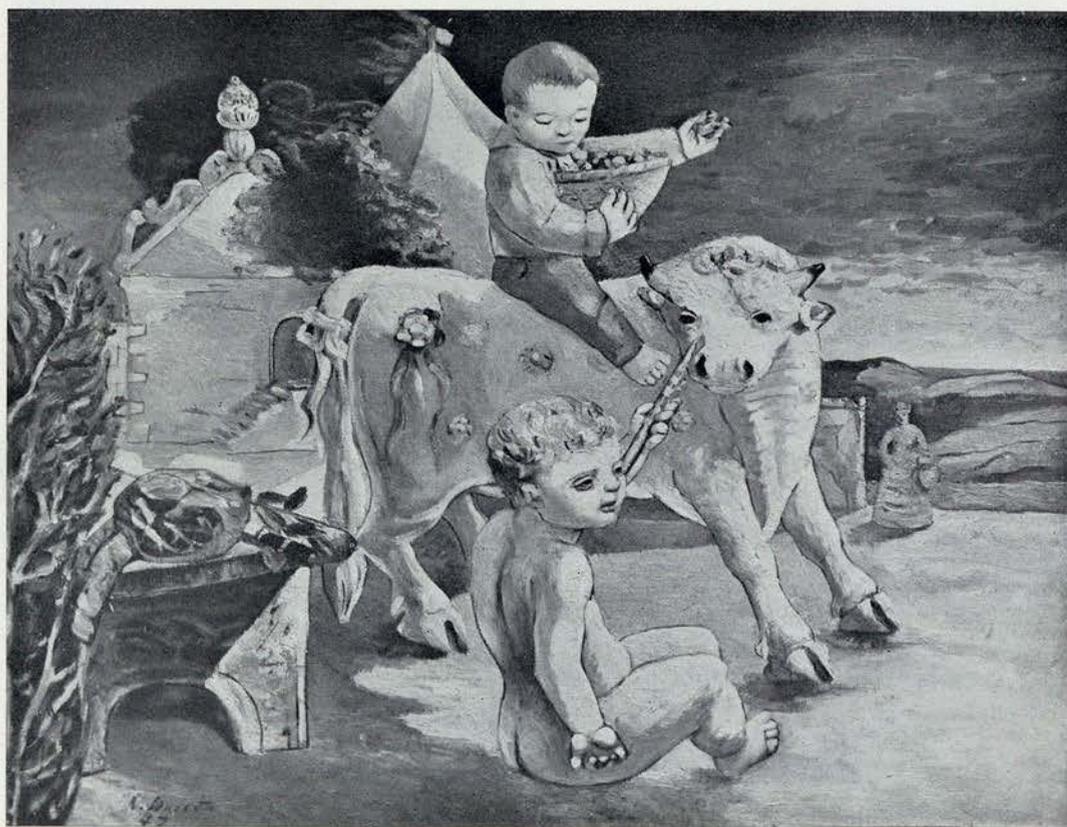
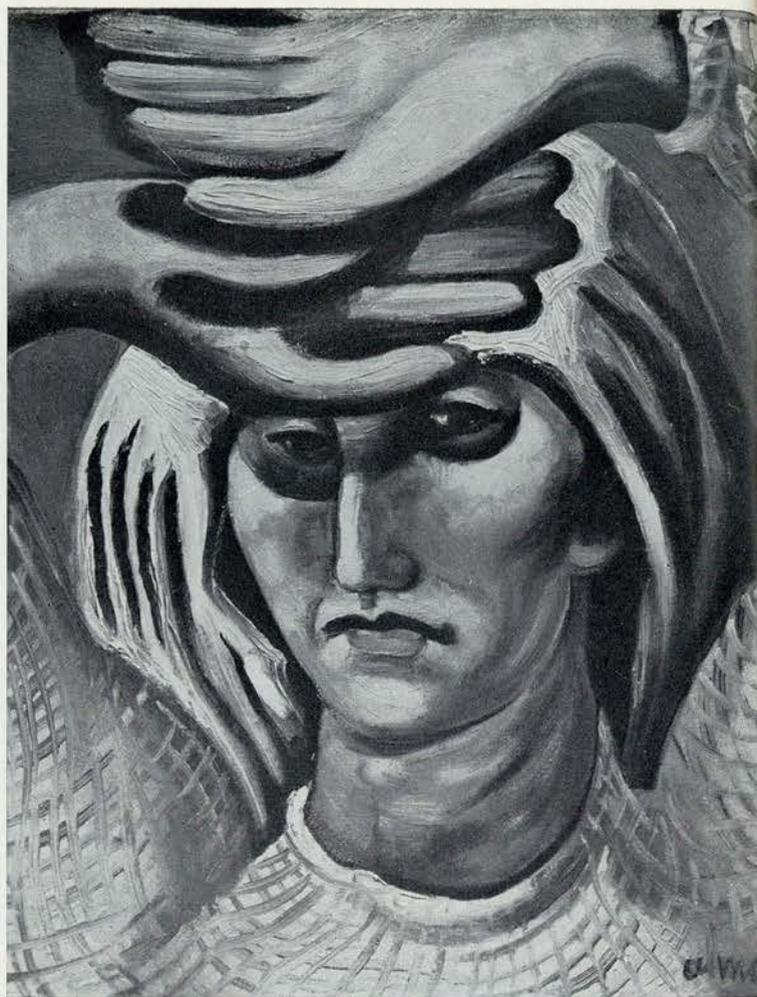
Forte e Gruta de S. João Baptista — Ponte da Fortaleza

Sonho e mais sonho . . . — É o que a misteriosa, a inefável realidade desta ilha nos sugere ! . . .

em promontórios agrestes, ora recuando em pequenas baías e grutas de feérico deslumbramento.

Manhã aberta, quando o sol obliqüa, os seus raios desvendam pormenores, as águas são de um verde puríssimo, que escurece aqui e ali com a vegetação sub-aquática, onde os peixes divagam como num aquário. Dentro das grutas o mar reside em lagos de fundo multicolor; a rocha escorre sangue; se aprofundarmos a gruta, começamos a ouvir ruídos estranhos. É que lá no fundo há canais subterrâneos que ligam as grutas entre si. Então é que é ir de barco de baía em baía! Passa-se o Furado Grande, abertura que atravessa uma parte da ilha de lado a lado. As paredes de rocha umedecidas, os reflexos da água e o chapinhar desta de encontro ao costado do barco recolhem o espírito num misterioso silêncio. A pouco e pouco, a luz surge-nos pela frente; o Furado desemboca numa baía de margens altíssimas. É a Cova do Sono e, à medida que avançamos para terra, vai alteando a abóbada de rocha, como uma catedral do mar.

Se subimos ao alto da ilha, por um carreiro íngreme, avistamos o mundo. O horizonte é vastíssimo. A ocidente surgem os Farilhões e as Estelas — rochedos só habitados por gaivotas e corvos marinhos. A luz chega a cegar; há um inebriamento total. Ante o desconhecido, que se adivinha na costa oeste, rebentam das ondas baixios de rocha negra. Se, agarrados às fragas, descermos até ao mar, logo ficamos pasmados perante a sua violência, na Cova do Pirata ou no Carreiro Maldito. É aqui que os pescadores passam horas seguidas, contentes com a vida ou com o desporto que a ilha lhes proporciona.

Continua na pág. III

RUY CINATTI

Prémio «Mestre Manuel Pereira»: António Duarte
(Retrato-bronze)

Prémio «Columbano»: Almada Negreiros — «Mulher» (Lisboa). — Prémio «Amadeu de Sousa Cardoso»: António Dacosta — «Festa»

FOTOS DE
HORÁCIO NOVAES

SÉTIMA EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA NO ESTÚDIO DO S. P. N.

Não tem sido vão o estímulo dispensado pelo Estado à arte moderna nacional. Êsse estímulo, constituído por encomendas de obras ornamentais para edifícios públicos e pavilhões portugueses nos grandes certames internacionais, teve a mais ampla concretização na triunfal Exposição do Mundo Português, sendo oportuno recordar quanto para êsse triunfo contribuíram as contínuas realizações do S. P. N., como a criação dos prémios anuais de pintura — os de *Columbano* e *Amadeu de Sousa Cardoso* — e o de escultura — o de *Mestre Manuel Pereira* — que foram atribuídos êste ano, respectivamente, aos artistas Almada Negreiros, António Dacosta e António Duarte. Não cabe aqui apreciar criticamente a qualidade das obras apresentadas, num total de quarenta e dois quadros e catorze esculturas. Observamos, no entanto, que do mérito individual de grande parte dos artistas e da exigente selecção feita pelos organizadores, resultou um equilibrado e interessante conjunto de criações e tentativas de *arte viva*, a que não foram estranhos o aparecimento de alguns valores novos e os progressos patenteados nos trabalhos de outros. Dos expositores estrangeiros, foi justamente contemplada com menção honrosa a jovem pintora Mart Huguenin.

Júlio Santos: «Tejo». — Menção Honrosa: Mart Huguenin: «O rapaz do chapéu verde». — José Fernandes Oliveira Farinha: «Máscara».

Lino António: «Barcos no Tejo». — Leopoldo de Almeida: «Eva». — Júlio Pomar: «Pintura». — Martins Correia: «Rapariga das tranças».

Terras Velhas Renovadas

Igreja de S. Miguel, em Arouca

As terras, como os homens (que elas afeiçoam, marcando-os com características, que os diferenciam ou tornam excelentes) dão-nos motivo de prazer singular ao descobrí-las ou desvendar nos seus pormenores, após conhecimento íntimo, o que de notável ou particular oferecem à observação e sensibilidade de íncolas e estranhos.

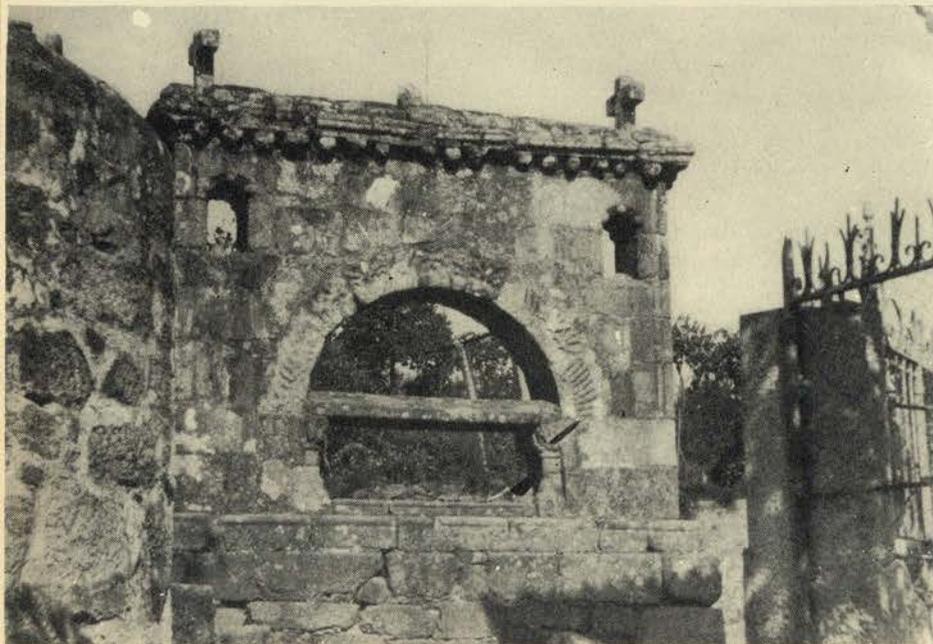
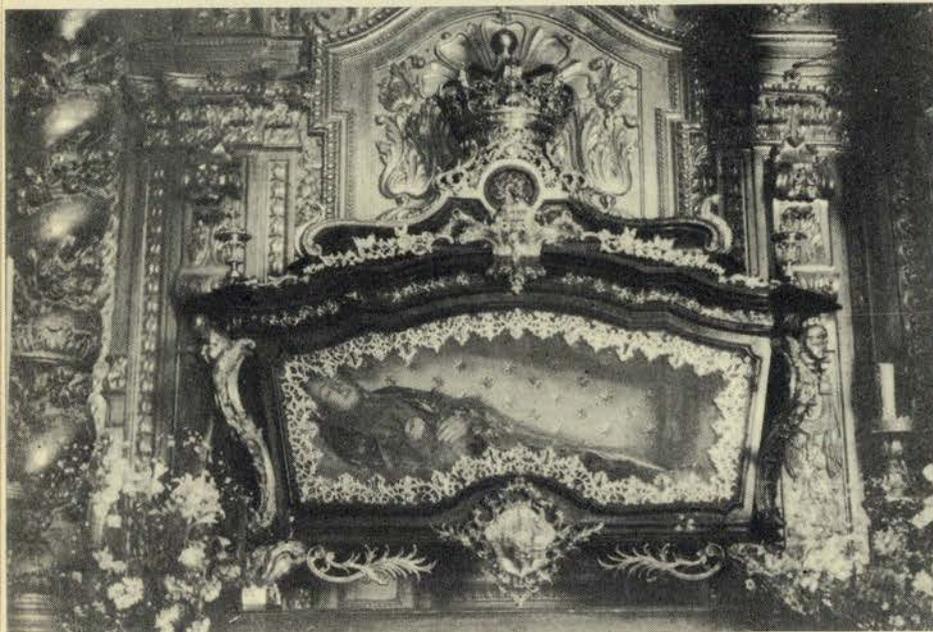
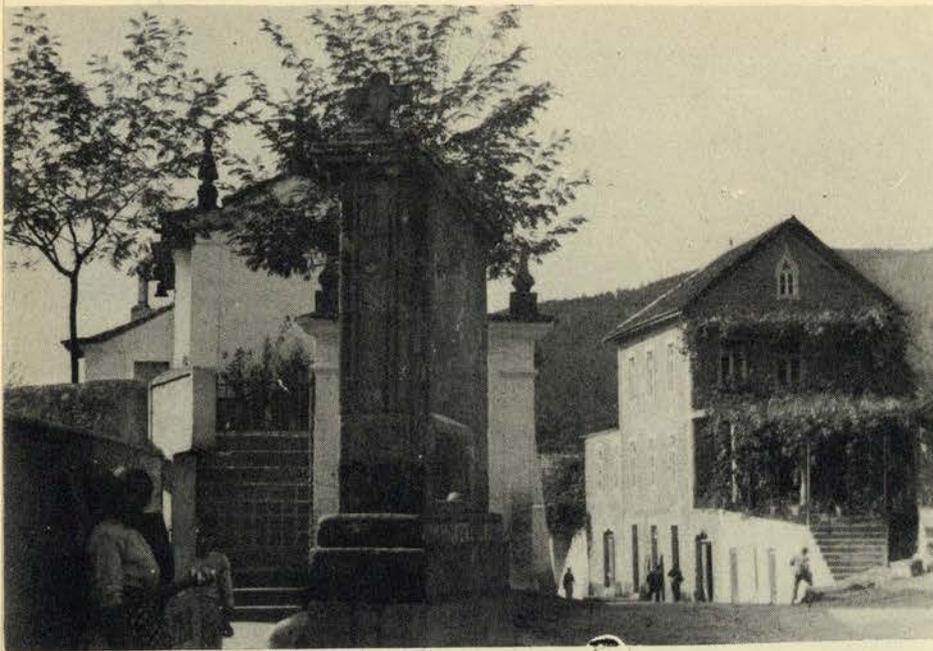
Altivas umas, envaidecidas nas roupagens de uma urbanização compacta, que logo traduz vida próspera, gritam a primazia que se arrogam ferindo os ouvidos e a vista de quem as escuta ou passa ao alcance dos meios de propaganda, que utilizam, para os captar.

Modestas outras ou ignorantes da beleza que possuem, fecham-se pùdicamente àqueles que casual ou propositadamente pretendem devassá-las para as fruir abruptamente, sem delicadeza de gôzo, como feirantes do alheio.

Há também as que são de data recente, jovens garridas de trajo muito vistoso, esmaltado aqui e ali com uma jóia urbana de boa traça (como que adrede colocada em outeiro bem escolhido) para serem admiradas e requestadas, tentando seduzir.

Mas de tôdas, as que oferecem um interêsse omnímodo ao turista, são as terras velhas, *povoações-«solares»*, berços de tradicionais estirpes — fundamentos das raças, em que se sente palpitar, na mesma paisagem que lhes deu a razão de ser, a seiva vital que as anima, *memento* de glórias, que se extinguiram e esperam ser renascidas em nova vida, que anseia superar o passado. Parece que dormem lânguidamente, a evocar, num requinte de maneiras que impressiona o visitante, a grandeza antiga, cujo esplendor esbate a côr sombria do presente.

Como tôdas as ruínas — quer sejam de pe-

FOTOS DE T. A. e J. CASTRO

dra musgosa que a madre-silva enfeita, ou apenas um apelido evocador, pobre e abandonado, com que topamos num banco de asilo — as velhas terras suscitam simpatia, estimulam o estudo dos curiosos e eruditos e pagam o interêsse dos que as descobrem.

Mas, talvez provocado pelo cansaço dos séculos, ou posição adoptada por quem já viveu muito e conhece a inutilidade fugaz da humana vaidade, nada fazem em geral para atrair o interêsse alheio. Ensimesmadas em displicente orgulho, só quando se sentem descobertas é que nobremente vêm ao encontro do visitante e então, oferecem com fidalguia, primícias e tesouros.

Cabe aos que já são íntimos, trazer para o convívio da grei, pelo menos, o conhecimento de que existem, e, se o souberem fazer, do valor que têm.

Vou hoje apresentar aos leitores uma destas terras, bela e modesta que, afastada das grandes rotas turísticas (como tal consideradas por um turismo embrionário) merece ser conhecida dos que acertadamente classificam o turismo como arte de descobrir o maravilhoso.

Num dêsses românticos recantos da Beira, aleluia de côr na convergência, quási se pode dizer, da Beira. do Minho e do Douro, encontrareis uma vila antiqüíssima como que a decorar uma paisagem privilegiada, com características próprias formadas pela síntese das características peculiares a cada uma das regiões circunvizinhas. Arouca, a linda vila, espreguiça a indolência de aristocrata arruinado pelos séculos, junto à nascente de um riacho, que surge dos contrafortes da Gralheira e aos saltos vai engrossando as suas águas límpidas, fertilizando o vale, até se confundir com o caudaloso Douro, num torvelinho barrento.

— Arouca? — Pregunta o leitor. —Larouco? Tarouca? Arouce?

S. Frutuoso do Burgo e o monumento a Santa Mafalda. — Túmulo da Rainha Santa Mafalda no Convento. — Monumento votivo em Arouca.

Vila de Arouca e Arredores FOTO DE A. DE Q. R. VAZ PINTO

Como é vária a sorte, que prova aliás, como fama e poder oscilam e se desfazem com a usura do tempo...

Confusões semelhantes são freqüentes, mesmo entre os que presumem de «conhecer Portugal» de ponta a ponta, e as terras confundidas perdoam sempre, esclarecendo a ignorância e valorizam-se mùtuamente.

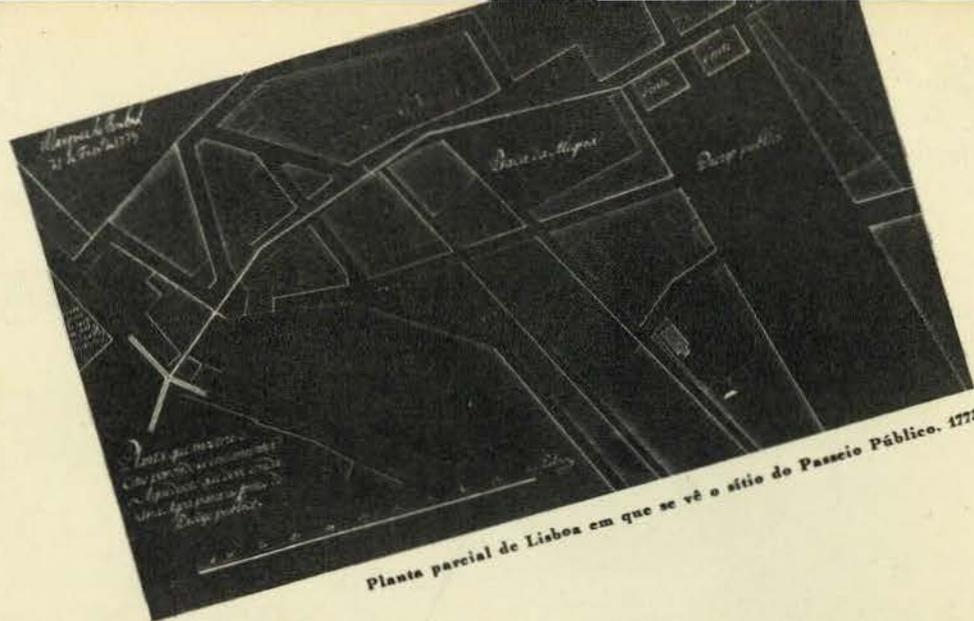
Aninhada no vale, dominada por encostas de vegetação frondosa, que debrua o lavradio alegrado por uma policromia de pintor modernista, junto à nascente do Arda, existe desde remotos tempos, esta povoação, que tem tido maior ou menor valor social, mas permanente interêsse e beleza. Não podia passar despercebida dos romanos a amenidade das margens dêste rio de suave nome — tão parecido ao do manso «fiume» que emoldura a formosa Florença — nem a feracidade das terras do ubérrimo vale.

Memórias escritas rezam que no ano 34 A. C., César Augusto ali fundou a cidade de ARAUCA, ARDUCA ou ARADUCTA, mais tarde destruída pelos árabes. Renasceu o aglomerado urbano, sempre disputado; e em fossados e batalhas, entre muitos outros, ali se ilustraram o Cid e o Conde D. Henrique, até que em 1151 o primeiro Rei português deu foral à já então «vila de Arouca». Chega a tomar proporção de arquivo histórico a simples enumeração dos nomes — bárbaros e cristãos — de reis, heróis e santos, que perpassam antes os olhos dos estudiosos da tradição local, numa ronda de glória, de esfôrço civilizador e de santidade: Loderigo e Vandilo, Goesto Ausures, D. Eleuva e o abade Hermenegildo, Fernando Magno de Castela, Rui Dias de Bivar, Zadão Iben, o Conde de Portugal D. Henrique e o rei mouro de Lamego Echa Martin, Mónio Rodrigues, Toda Viegas, D. Afonso Henriques, Egas Moniz, Eldara Pires, Pedro Afonso Viegas, Urraca Afonso, Constança de Navarra, D. Sancho I e sua filha a princesa D. Mafalda — Rainha de Castela e Santa de Portugal... — e tantos outros. Mas fiquemo-nos pelo princípio e pelos principais.

Com a fundação do primeiro convento local, de complicada história, renasceu a vida quási extinta no fragor das batalhas, até que a Rainha Santa Mafalda, após a invalidação do seu matrimónio com Henrique I de Castela, para lá foi, reformou a Ordem e dotou em vida e no testamento o seu mosteiro de Arouca, com avultadas rendas.

A acalmia política (como se diria hoje) e a morigeração dos hábitos até então algo desordenados, favoreceram o desenvolvimento agrícola da região e a conseqüente prosperidade local.

(Continua na pág. I)

Planta parcial de Lisboa em que se vê o sítio do Passeio Público. 1773.

O Antigo Passeio Público

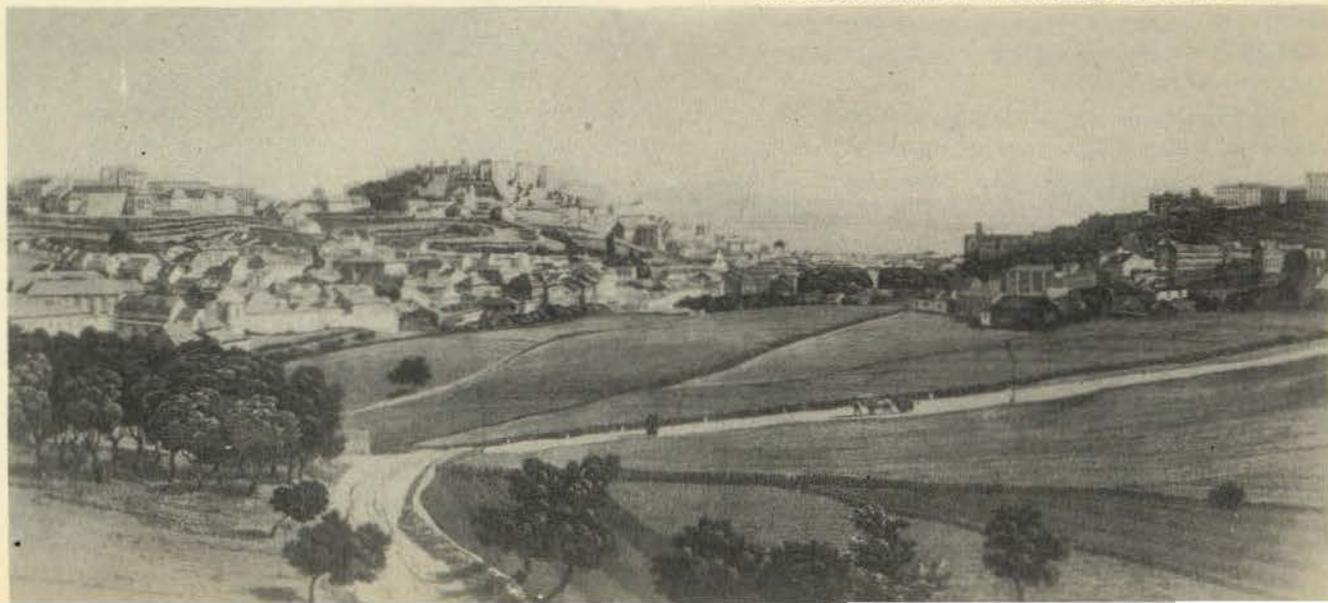
por MÁRIO TAVARES CHICÓ

O *antigo* Passeio Público, *de pitorescas recordações, que Eça e Ramalho tanta vez ridicularizaram, era já um «Central Park» demasiadamente pequeno para a área de Lisboa, quando no tempo de Pombal lhe foram marcados os limites.*

A cidade alastrara ràpidamente depois do Terramoto e modificara-se por completo. Das ruas estreitas que se vêem na planta de Tinoco (1650) e que persistiram até 1755, poucas haviam ficado.

A vida elegante fazia-se no Rossio e no Chiado, e o Passeio Público, depois de 1838, era o sítio que os lisboetas procuravam para se divertir e para mostrar à tarde as sobrecasacas espartilhadas.

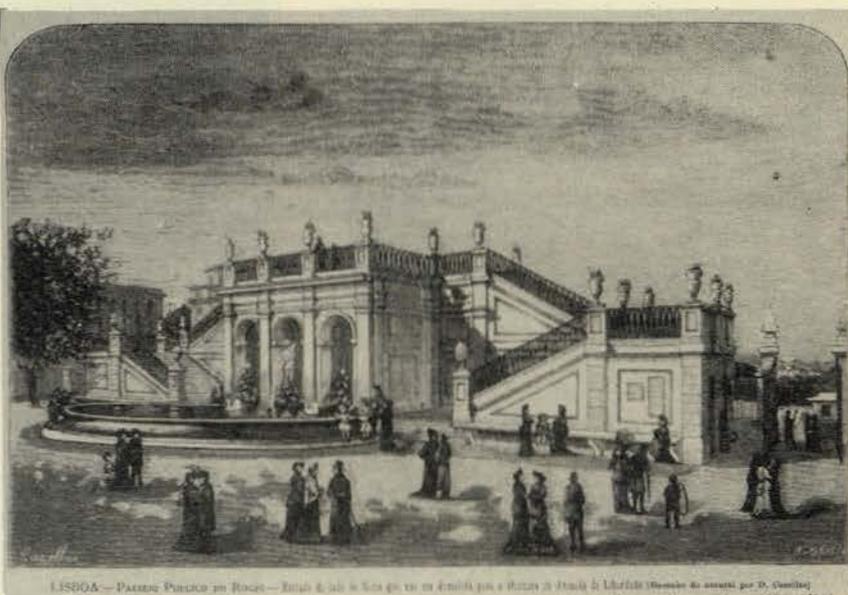
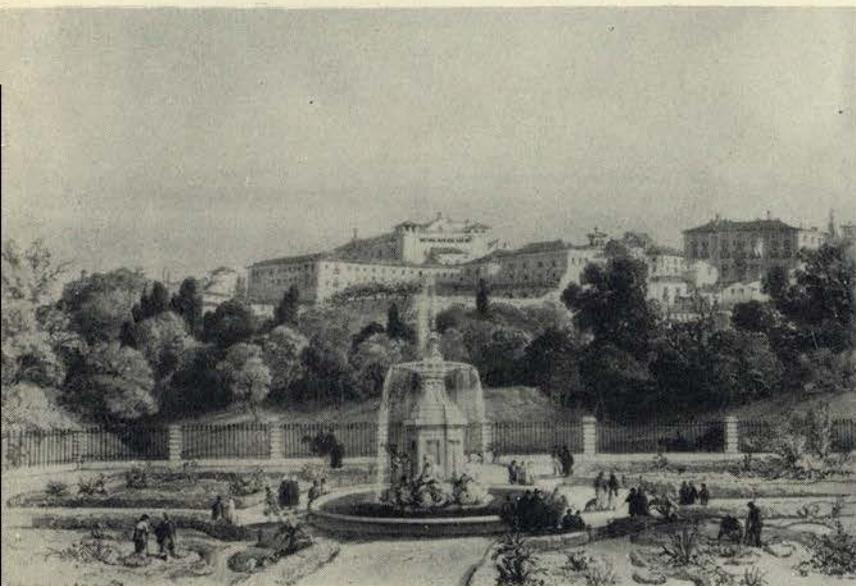
À entrada havia um largozinho a que dava acesso a Rua do Príncipe. Para além da fachada sul, de que se fizeram muitos pro-

Vista do lado oriental de Lisboa. Litografia de Sousa e Barreto.

jectos, mas de que foi adoptado um dos mais pobres, ficava o «Passeio de Verão» com a grande fonte, que pode ver-se nas litografias de Vivian (1839) e de Anunciação, e cujas esculturas estão presentemente no pátio de entrada do Palácio da Mitra.

Ao fundo, pela altura da Rua das Pretas, ficava a cascata monumental, com cisnes de pedra branca. E sob as grandes árvores da rua central, iluminada com arcos, depois por candeeiros de longos braços em que tremiam bicos de gás, desfilavam com lenta solenidade chapéus altos e sáias

As noites do Passeio Público do Rossio. — Litografia de Rafael Bordalo Pinheiro, publicada em «A Lanterna Mágica». 1875.

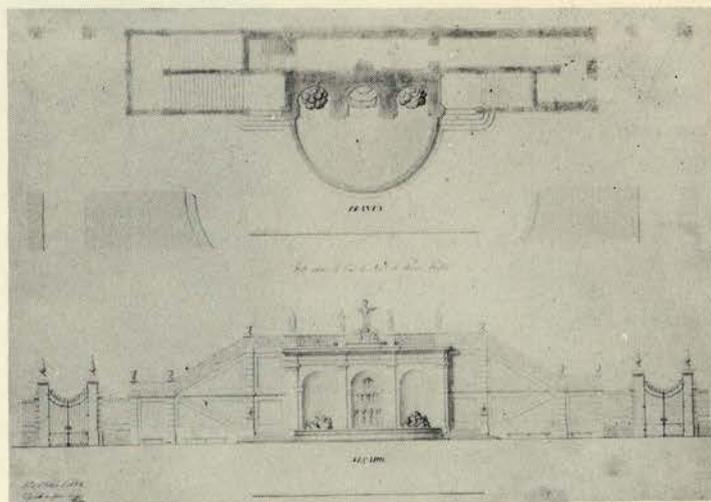
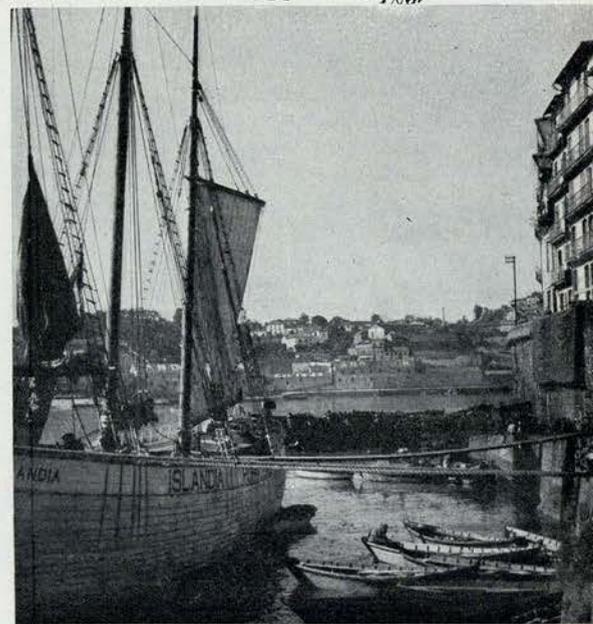
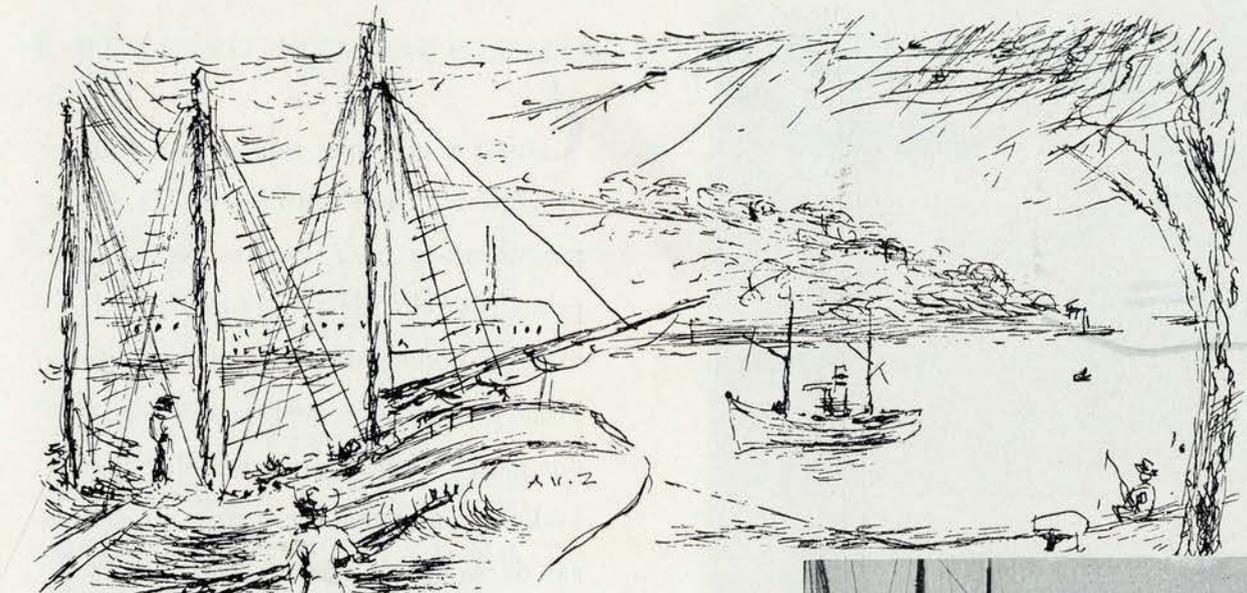
de balão, ornadas de três folhos, quando Leonel pintou o belo quadro do Castelo da Pena, agora exposto em Lisboa.

Mais tarde, ao começarem os trabalhos para a abertura da avenida, em 1879, o Passeio Público animava-se ainda com a «Troupe dos Tyroleses», com os concertos da «Orquestra da Associação 24 de Junho», regida por Joséphine Amauro, e com os bailes infantis dirigidos por Justino Soares «professor e compositor

Vista do Passeio Público. — Litografia de Vivian. 1839.

higiénicas, que desapareceu numa época em que o campo chegava à Rotunda e em que os lisboetas que queriam gozar a tranqüilidade das quintas dos arredores, iam veranear para São Sebastião da Pedreira. E se a actual avenida não corresponde, talvez, à «Avenida do Passeio Público» sonhada por Rosa Araújo, por não ter aquele aspecto monumental que caracteriza as principais artérias das cidades grandes, conseguiu, mesmo assim, alterar profundamente a fisionomia da capital e permitiu que se fizesse uma Lisboa diferente.

de dança». Nesse ano, nas quentes noites de Agôsto, os Caçadores do 5 executavam perante o entusiasmo do público a «lindíssima polka Electricidade».

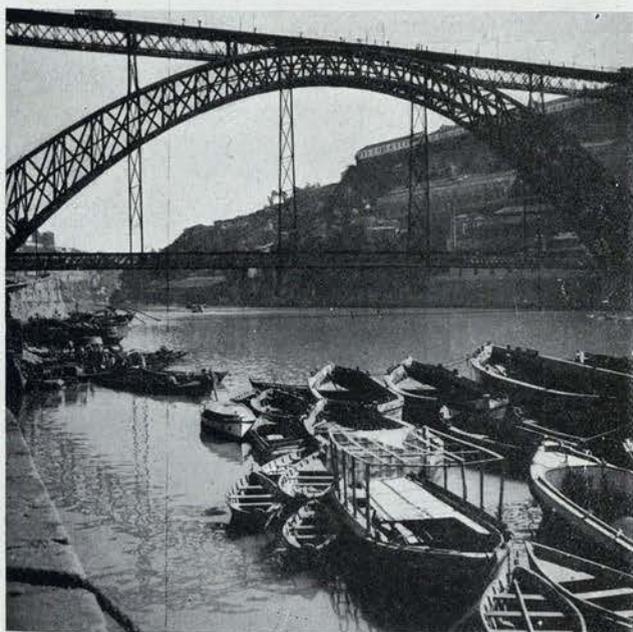
Estas festas deslumbrantes, estes «concertos magníficos», nem porém a todos conseguiam divertir. «Principiaram os enterramentos nocturnos da gente viva nesse campo saüdoso do repouso e da melancolia lisbonense» — escrevia Bordalo Pinheiro no António Maria, *referindo-se ao* Passeio Público. *«Abriu-se no domingo pela primeira vez a* porta inferi. *Acenderam-se tocheiros ao longo da grande nave taciturna. Principiou a piar na espesura verde-negra do ciprestes a charanga do* cinco. *O espectro de Justino Soares ergue-se no túmulo da dança e... guia satânico sôbre campas a dança dos meninos santos. As mães defuntas, amortalhadas de novo e postas em fila sôbre as cad:iras do Asilo de Mendicidade, vertem p los casabeques abaixo o pranto gotejante das catacumbas. Os janotas desenterrados dos seus mausoléus charutam arabescos de vampiro em tôrno do monumento dos libertadores, tètricamente formado de medidas de capacidade emborcadas umas sôbre as outras, desde o mais quadrado até o salamim!»*

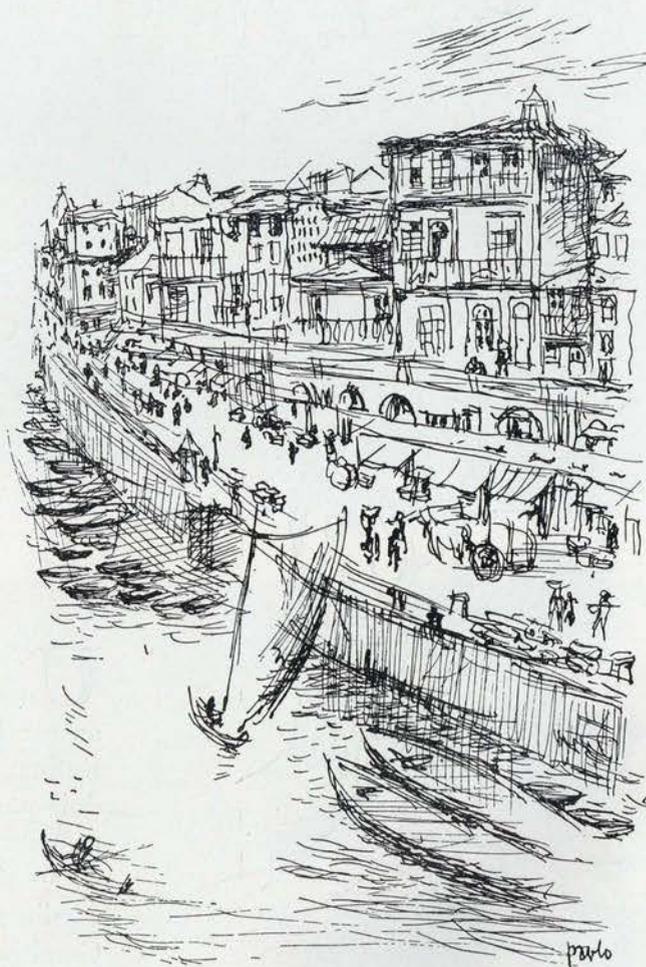
E foi êste o «Passeio Público» enfadonho e ridículo para os homens das idéias novas

UM DIA NA RIBEIRA DO PÔRTO

Uma vez, Mário Novaes e eu... Ou antes: Uma vez, Paulo Ferreira e eu... Enfim: Uma vez, no Pôrto, resolvemos os dois passar um dia completo, inteirinho, na Ribeira. Desde o nascer ao pôr do sol.

– Levamos connosco a máquina fotográfica, um bloco de papel e lápis... Combinado?

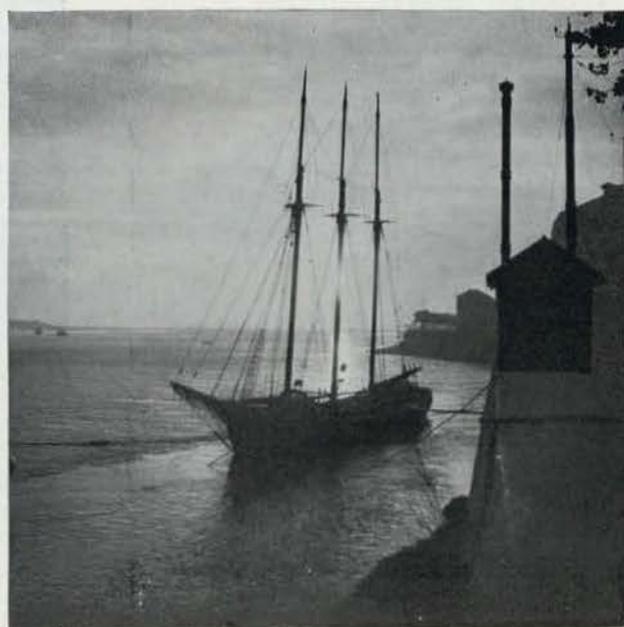
– Combinado!

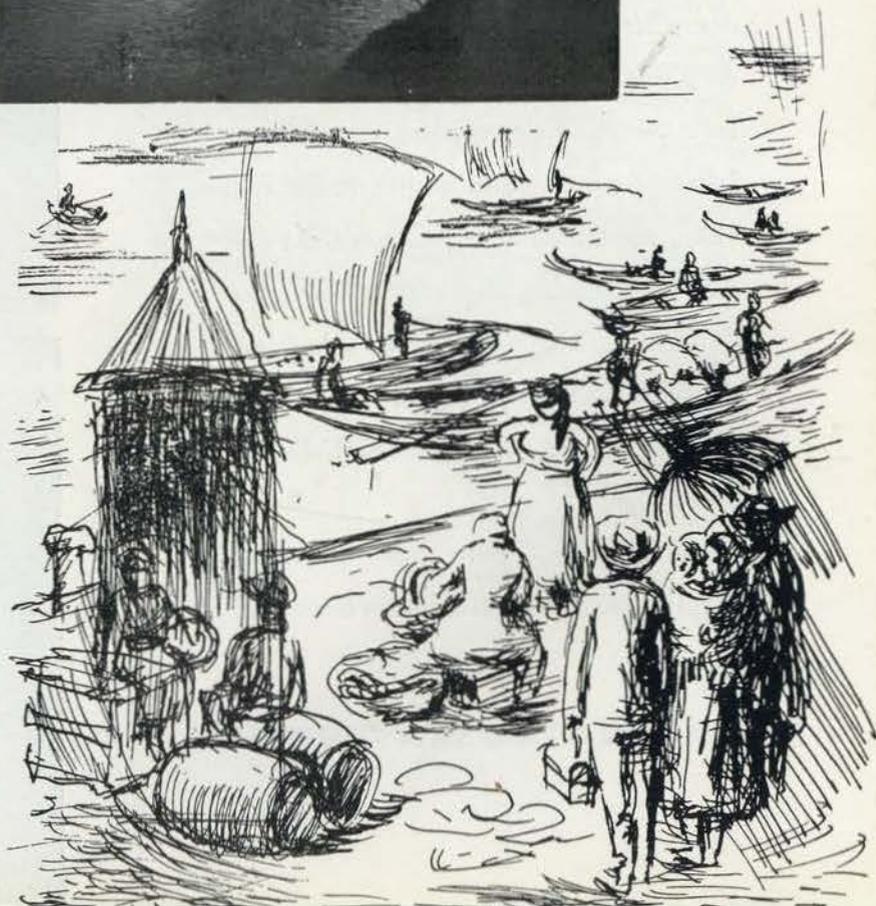
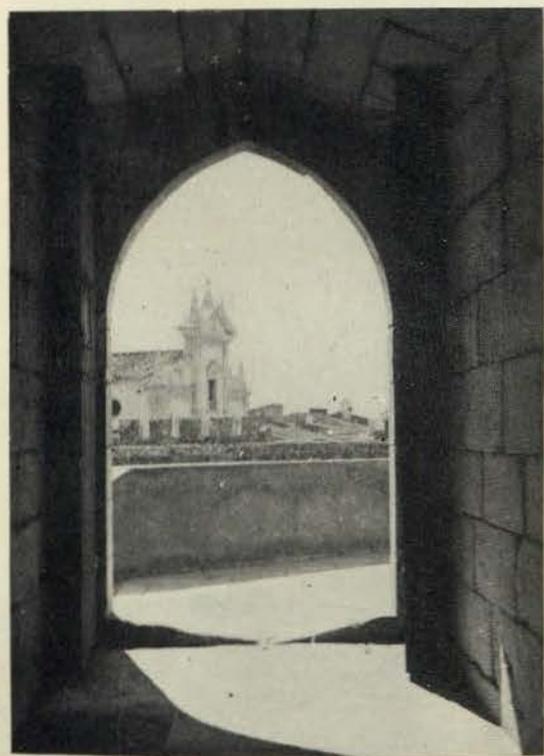
Lá fomos. E querem ver, agora, porque não nos arrependemos?

Custa a crer que seja uma manhã de Outono! Nem vento, nem frio. Espreguiçam-se na água sereníssima os primeiros raios de sol. As casinhas da margem começam a despontar da neblina. Que nítidos, os barcos aprestados para a faina! Entram nos elegantes «rabelos» as primeiras cargas preciosas de Vinho do Pôrto...

—Isto é que é fotogenia, Mário!...

O MELHOR TURISMO É O QUE

Lentamente, acorda, ruïdosa, a vida no cais. Que vida! Os pescadores entram nos saveiros e partem, animados. Chegam carros de bois, repletos de pipas, de frutas, de sacos, de caixotes... – Que belas cangas, ehin? Nem faltam árvores, num contraste imprevisto, amenizando a paisagem. As redes, penduradas, sugerem um arranjo de cenário. Acelera-se o ritmo da faina ribeirinha. O sol já dá relêvo a todos os pormenores, já faz cantar tôdas as côres.

– Confesse, Paulo, que está arrependido de não ter trazido as tintas!...

SE FAZ NA NOSSA TERRA

DESENHOS DE PAULO FERREIRA
FOTOGRAFIAS DE MARIO NOVAES

É pena começar a anoitecer. — Como o dia passou depressa! No entanto, o Douro, agora, parece diferente. Tudo se prepara para descançar. O céu e as águas principiam a escurecer... — Aproveite o pôr do sol, com êsse barco no primeiro plano! — E pensarmos, amigo Leitor, que deve haver centenas, se não milhares de portuenses, que desconhecem esta maravilha!...

BEJA *uma das mais características e progressivas cidades alentejanas*

É freqüente surgir, no decorrer da leitura de textos consagrados ao Alentejo e, particularmente, à paisagem alentejana, a palavra *monotonia*. Na realidade, não é fácil imaginar coisa mais monótona do que uma planície, ou uma série de vastas planícies só de quando em vez separadas por suaves planaltos. Resta saber se, em relação ao Alentejo — que está, morfològicamente, neste caso — é de todo justa a observação.

Mesmo considerando a diversidade que implicam as designações de Alto e Baixo Alentejo; mesmo atendendo às condições naturais que forçam, neste, o predomínio de determinadas espécies fitogeográficas e de cultura em grandes extensões, mesmo assim, é fácil demonstrar que, sendo óbvia, não é das mais felizes, não é das mais exactas a expressão ***monotonia***.

Em primeiro lugar, porque essas planícies só são vastas muito relativamente, isto é: em proporção com a superfície

Ermida de S. Sebastião.
Portal do Castelo.

recida, ainda que de longe, com qualquer outra cidade, não só portuguesa, mas alentejana? Monotonia é isto: — sair da capital de um país, visitar dezenas de pequenas cidades e vilas, e sentir a desconfortável impressão que um viajante europeu, que há anos percorreu a América do Norte, fixou, do seguinte modo: — É tudo tristemente semelhante, *standardizado;* as estações de caminhos de ferro, as ruas, as casas de habitação, as lojas, os monumentos... Os países novos — conclui — só valem, turìsticamente, pelas capitais.

Beja, a *Pax Julia* dos romanos, erguida no ponto culminante do planalto que separa as bacias hidrográficas do Sado e do Guadiana e que domina, em empolgantes perspectivas, as planuras fertilíssimas do Baixo Alentejo, é uma cidade

Convento da Conceição

Vista parcial de Beja.
Tôrre de Santa Maria

territorial do continente e, sobretudo, pelo contraste com os acidentes morfológicos das outras províncias.

Depois, porque o que se entende por paìsagem de um país ou de uma província, tratando-se de regiões povoadas, engloba a arquitectura e os outros caracteres urbanísticos das suas cidades, vilas e aldeias.

Ora, percorrendo-se o Alentejo — aventura praticável, de automóvel, em breves e inesquecíveis horas — uma das observações mais imediatas e justas que um viajante pode fazer é, precisamente, a da variedade de tipos de povoações.

Assim, Beja, por exemplo... ¿Quem poderá achá-la pa-

No mercado — As características bilhas alentejanas

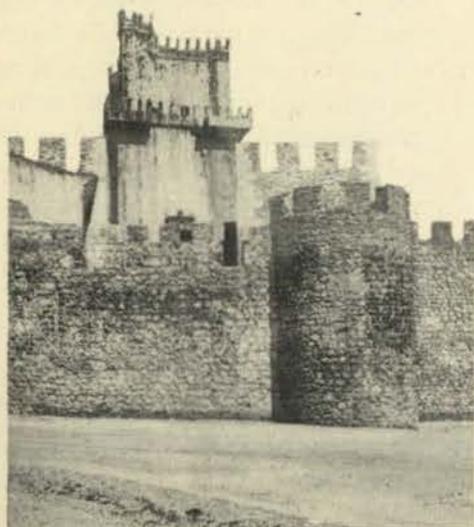
inconfundível, admirável e rica de preciosidades arquitectónicas. «A fúria da destruïção — escreveu Raúl Proença no *Guia de Portugal*, reportando-se aos tumultuosos sucessos históricos de que a cidade foi, durante séculos, teatro — não impediu, ainda assim, de se conservarem, como por milagre, curiosidades bastantes para encherem um dia do turista.»

Assim é. Encontram-se em Beja valiosos espécimes não só da arte romana, mas do românico, como a igreja do Pé da Cruz; do gótico, como na abside de Santa Maria, no Hospital, na tôrre do Castelo e, (já inspirado num tipo regional, de *nártex* sôbre ogivas, botaréus cilíndricos rematados por coruchéus cónicos e ameias chanfradas) na galilé de Santa Maria e em Santo André; da Renascença, como a igreja da Misericórdia e S. Tiago, e do *manuelino*, em numerosos pormenores ornamentais.

«Os azulejos da Conceição — diz também Raúl Proença — e do Pé da Cruz (aqueles numa variedade de estilos e padrões que instituem o delapidado convento num *museu de azulejo* que só tem rival em Sintra) e as belas tábuas quinhentistas do Govêrno Civil completam as curiosidades desta cidade alentejana, assim erguida a primeira vez, em lugar apreciável de turismo.

A. NOGUEIRA

Continua na pág. III

FOTOS DE FRANCISCO SANCHES

Igreja de St.ª Maria. O átrio da mesma igreja. Velha igreja do Pé da Cruz. O Castelo.

A publicidade invadiu tudo. É possível que seja esta uma das maiores calamidades do nosso século, mas não está nas nossas mãos pôr-lhe côbro. Temos de suportá-la, quer queiramos quer não. Nos jornais, na rádio, nas casas de espectáculo, nos transportes públicos, nas lojas, nas ruas, nas estradas, nos consultórios médicos, até (como se as dôres físicas não bastassem!...) por tôda a parte, em suma, sem máscara ou disfarçada, núa ou vestida, inteligente ou estúpida, a publicidade persegue-nos, espera-nos, tenta-nos, mefistofèlicamente.

Não podemos forçá-la a que nos deixe em paz, mas podemos suplicar-lhe que, ao menos, seja o menos feia possível! Que se vista elegantemente, ou se desnude com

CAMPANHA DO BOM GÔSTO

decência, que não exiba aleijões, nem tenha atitudes «pires», que seja civilizada, amável, sóbria e simpática.

É o que pode e deve ser, por exemplo — como demonstram as gravuras que aqui reproduzimos — essa publicidade que se estampa nos panos de bôca dos teatros.

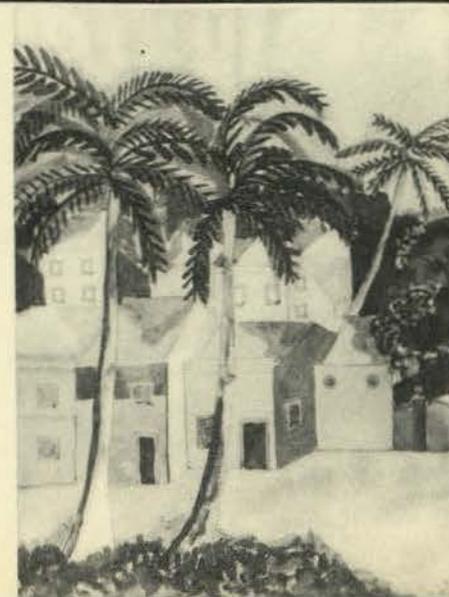
— Senhores empresários! Não percam os lucros que êsses anúncios lhes proporcionam, mas sejam exigentes na realização gráfica, encomendando, ou fazendo encomendar os trabalhos a técnicos especializados. Lembrem-se de que o público pode ficar mal ou bem predisposto para o espectáculo que vai ver, conforme forem de máu ou de bom gôsto os anúncios que logo de entrada lhes fornecem. Lembrem-se de que êsses panos se chamam de «bôca» — e que «pela bôca morre o peixe»...

Cinco panos de anúncios da ETP e da APA. — Desenhos e composições gráficas de Fred Kradolfer, José Rocha, Jorge Mattos Chaves, Bernardo Marques e Estrêla Faria.

«Cícero Dias é uma prova a mais da vitalidade do génio da minha terra e — como pernambucano puro que é e puro descendente dos portugueses — um exemplo a mais da fôrça do carácter da nossa raça.»

José Augusto Cesário Alvim
(Delegado do D. I. P. junto do S. P. N.)

«Nos quadros de Cícero Dias não é só a paisagem que é brasileira: é a sua visão dessa paisagem, são os seus olhos, é a sua alma, é o sentimento com que pinta as praias, os canaviais, os mocambos, os jardins, as cidadezinhas, as mulheres e os homens brasileiros.»

José Osório de Oliveira

Estudo para um auto-retrato. — Desenho inédito.

Cícero Dias

Nós já sabiamos muitas coisas do Brasil. Não por termos lá ido — os que nunca lá fomos — mas pelo que nos têm contado alguns dos seus poetas, dos seus romancistas e até dêsses felizes aplicados que dão vida aos documentos com o sôpro cálido do espírito. É uma bela terra, essa. Mas faltava-nos a côr. A côr e a graça plástica das suas paisagens e gentes. Foi isso que veio mostrar-nos Cícero Dias, com a sua pintura matinal, saborosa, orvalhada e contente.

Os amadores da *boniteza* embirraram com êle. Era de prever. Árvores, plantas e flores daquelas não andam por aí pelos quintais, nem as pessoas conhecidas se agitam com aqueles modos sonâmbulos, nem...

Mas não falemos mais nisso. De técnica, tão pouco. Cícero tem a sua, que não sabemos em qual dos *ismos* se arquiva. Nem êle, felizmente. As tintas aparecem ali, dádicas, na paleta; os pincéis afagam-nas, voluptuosos, sem premeditações; a tela es-

pera, ansiosa, qualquer coisa — e é quando brota do silêncio, como o canto improvisado de quem ama e está só, aquela pintura matinal, saborosa, orvalhada e contente.

— O que não vale, Cícero, é espremer sôbre as tintas alguns dêsses frutos de que mal sabemos soletrar os nomes, e esmagar essas fôlhas carnudas no chão das paisagens, e estampar essas pétalas e asas de insectos nos troncos, nos vestidos, nos recantos dos céus. Assim é batota. Você trouxe consigo do seu Nordeste (Pernambuco, não é?) todos êsses ingredientes alquímicos, e assim não admira que por tôda a parte reconheçam, como sendo só sua, Cícero, a sua pintura matinal, saborosa, orvalhada e contente.

Assim é dar o flanco aos que imaginam que qualquer pessoa — até um menino! — é capaz de pintar assim. Assim...

No canavial

Terraço

Dizem que Cícero Dias é poeta. Picasso também reparou nesse pormenor: — «É um grande poeta e é também um grande pintor», foi como êle disse.

Será por causa dessa varinha que os seus quadros nos perturbam? Essas casas, essas plantas, essas praias, essas pessoas, êsses pássaros, essas cenas — não se encasulam num sonho? Êsse ritmo de transposição não será enigmático, mágico, indefinível, como o da génese poética?

Dizia-se, diz-se e dir-se-á sempre dos retratos muito parecidos que só lhes falta falar. Dos retratos de Cícero Dias — que não são parecidos, mas *aparecidos* — apetece dizer: só lhes falta cantar.

Melhor não sei exprimir o fluido misterioso que respira a sua pintura matinal, saborosa, orvalhada e contente.

CARLOS QUEIROZ

«O Mar em Cascais», por Fernando Bliebernicht. — «Uma casa na aldeia de Vidago», por António Pinheiro. — «Pormenor do monumento ao Marquês de Pombal», por Adriano Lopes Vieira.

D. SEBASTIÃO

PELA COMPANHIA DE BAILADOS PORTUGUESES

VAI para três anos, quando o Secretariado da Propaganda Nacional deu realidade ao sonho que alguns artistas modernos acalentaram, da criação de uma companhia de bailados portugueses, organizando e apresentando em público o grupo VERDE-GAIO, surgiu no espírito de muitos a seguinte dúvida: ¿ Não será efémero êste esfôrço? ★ Que se tratava de um esfôrço, não havia a menor dúvida. Pois quantas qualidades, virtudes e recursos técnicos foi necessário reünir, harmonizar e cimentar, para pôr de pé, funcionando, aquela pequena, mas complicada e *frágil* máquina! — Talentos, vocações mal-despontadas, audácia, paciência, espírito de colaboração, ânimo de continuidade... ★ De tudo isso deram evidentes provas os organizadores e artistas do VERDE-GAIO, levando à cêna, em dois anos de persistente actividade e com o agrado unânime e entusiástico do público, cinco bailados — *A Lenda das Amendoeiras, Muro do Derrête, Inês de Castro, Dança da Menina Tonta* e *O Homem do Cravo na Bôca* — e um *Passa-*

Cortina realizada por Carlos Botelho e dois figurinos desenhados por Mily Possoz, para o bailado «D. Sebastião», do grupo corègráfico «Verde-Gaio».

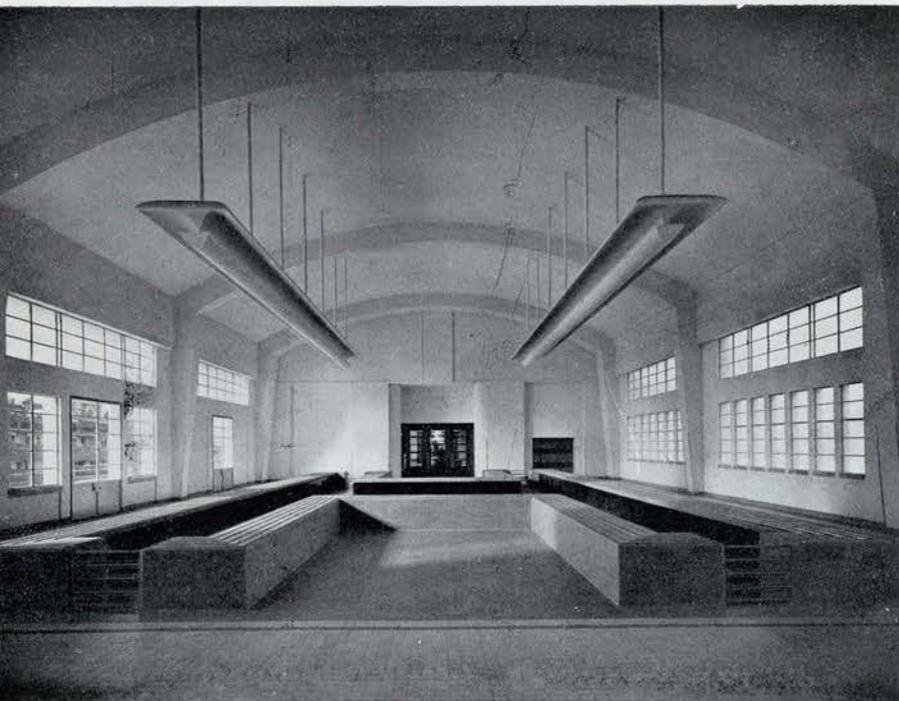
Tricromia do n.º 3 da revista luso-brasileira «Atlântico»

tempo, constituído por oito graciosas danças de inspiração popular. ★ Faltava, porém, a mais decisiva de tôdas as provas: criar e pôr em cêna um bailado *de fundo*, de grande espectáculo, que enriquecesse o já valioso reportório do VERDE-GAIO. Outra coisa não é o *D. Sebastião*, que em três séries consecutivas de exibições no Teatro Nacional de S. Carlos alcançou, há pouco, assinalado êxito. ★ Tudo concorreu para isso: o argumento (em cinco quadros: *O Poeta e o Lusíada*, *A Dança dos Véus*, *O Arranco*, *A Batalha* e *Ressurreição*) concebido e escrito por António Ferro; a inteligente, apesar-de tão difícil encenação de Francis Graça; a feliz actuação corègráfica de todo o grupo, com os belos primeiros planos de Francis e de Ruth Walden; a música, bem tecida, apaixonada e séria, de Ruy Coelho; os acertados figurinos de Mily Possoz e os magníficos cenários e cortinas de Carlos Botelho.

Algumas imagens do bailado «D. Sebastião». — Argumento de António Ferro, música de Ruy Coelho, coregrafia e encenação de Francis Graça, cortinas e cenários de Carlos Botelho e figurinos de Mily Possoz.

FOTOS DE HORÁCIO NOVAES

OS GRANDES VALORES TURÍSTICOS NACIONAIS

De futuro, quem vier a Lisboa pelo mar, encontrará, logo à entrada, esta civilizada e amável «sala de visitas»

A grande cruzada de realizações com que o Estado há uns anos a esta parte, pelo Ministério das Obras Públicas, tem transformado a mentalidade nacional já habituada ao provisório, ao inacabado, ao sonho, à aspiração nunca realizados, demonstra, pelos documentos à vista, que a sua acção não é de palavras inúteis, de vã retórica e de promessas nunca cumpridas, mas de realidades.

Num pôrto como o de Lisboa que, pela sua situação e pelas condições que o actual conflito lhe assegura para o futuro, está destinado ao maior desenvolvimento de grande entreposto internacional, uma estação marítima digna de um ponto de escala das grandes linhas de navegetação e, portanto, do turismo de todo o mundo, era, de facto, uma obra urgente.

A nova Estação Marítima, mais um valioso empreendimento a impor um grande estadista e um govêrno, é — nas suas linhas sóbrias, amplas, dignas — mais um passo no caminho das grandes realizações.

Com o Aeroporto, as novas instalações da Alfândega, as vias de comunicação, as novas instalações de Correio e Telégrafo, termina de

A ESTAÇÃO MARÍTIMA DE ALCÂNTARA

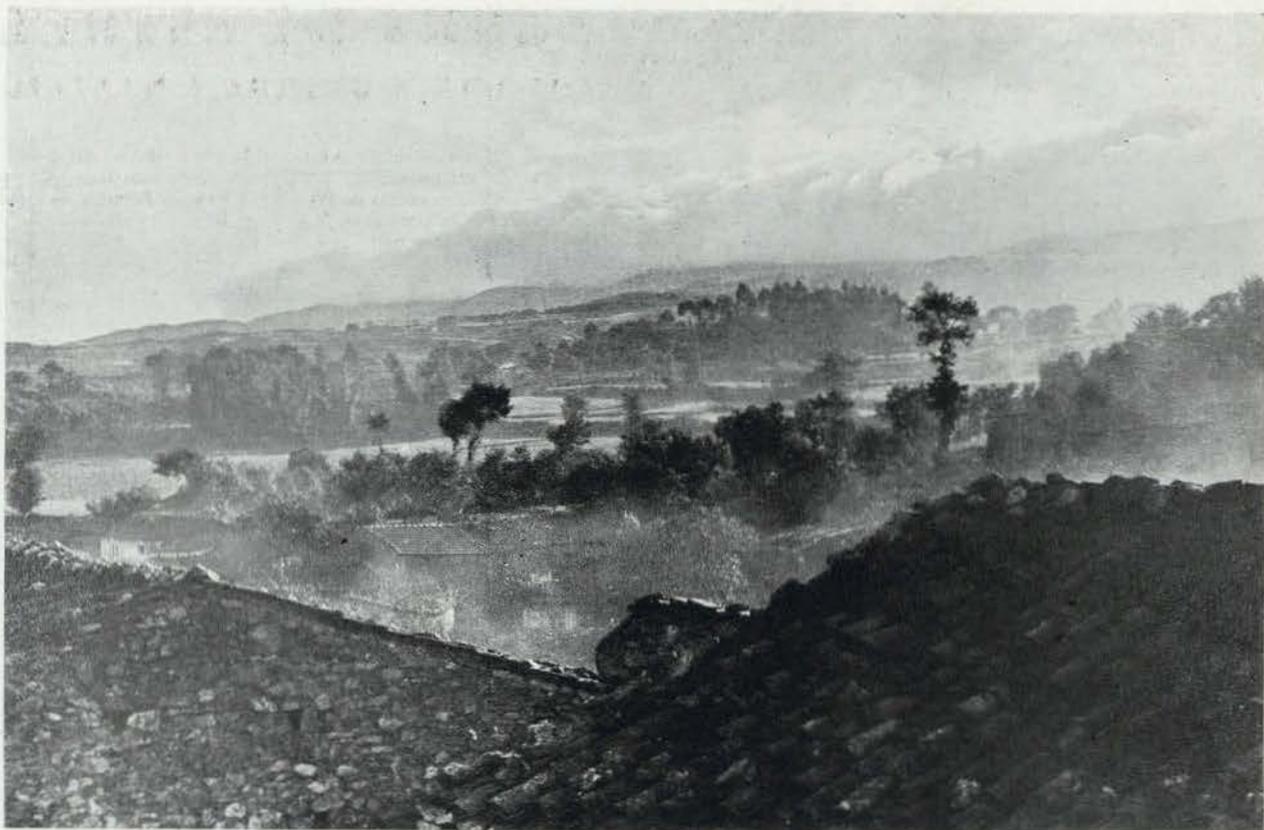
A fachada do belo edifício da Estação Marítima — frente para o cais — e um pormenor do átrio. Projecto do arquitecto Pardal Monteiro

vez tudo o que afugenta, logo de entrada, o turismo internacional que, perante os barracões monstruosos, as instalações deficientes e de acaso, as improvisações pobres e de mau gôsto, logo fazia, injustamente, uma idéia errada de tudo o mais.

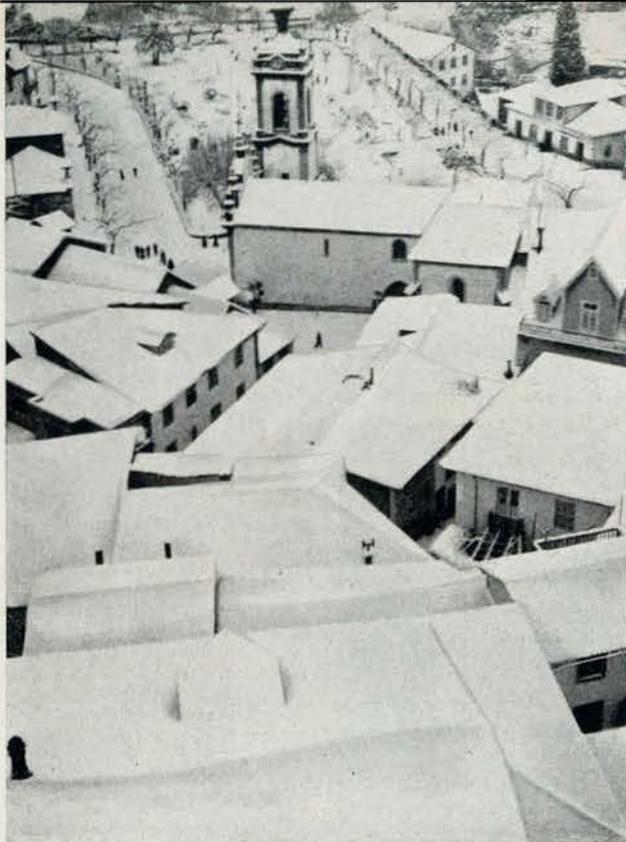
A mesma idéia que se tem de uma casa em que logo no átrio, ou na sala de visitas, os móveis, além de velhos e de mau gôsto, estão sujos, partidos e em desordem.

A nova Estação Marítima, edifício de largas perspectivas, de amplas e vastas instalações, como convinha ao movimento a que se destina, é mais um grande valor turístico que esta revista tem o prazer de pôr em relêvo, fazendo-lhe a merecida propaganda.

AUGUSTO CUNHA

FOTOS DE HORÁCIO NOVAES

PROMETEMOS, num dos nossos números, publicar provas fotográficas de amadores que revelassem qualidades invulgares. Cumprimos hoje essa promessa, reproduzindo seis fotografias excelentes. Nesta página: —«Vista sôbre a Serra da Estrêla, de Paços da Serra — Gouveia», pelo professor de Arquitectura Paisagista, Eng.º Francisco Caldeira Cabral. — «Velha azenha no Mascial — Tôrres Vedras», por J. Oliveira Fernandes. — «Trecho do Parque Dr. Oliveira Salazar, em Abrantes», por Lúcio Baptista.

SERRA DA ESTRÊLA

COVILHÃ ★ GUARDA ★ MANTEIGAS

A cidade da Guarda sob um nevão

A Serra da Estrêla é o imponente macisso montanhoso, de 60 kms. de comprido por 30 kms. de largo, onde a terra portuguesa sobe quási a dois mil metros. A tôrre, erguida em 1806, no seu ponto mais alto, acrescenta-lhe os nove metros que lhe faltavam para os dois mil.

Cidades, vilas e aldeias, das mais características e antigas da nossa terra povoam as suas encostas e os seus vales: é a Guarda, que dum lado domina os caminhos da serra; a laboriosa Covilhã, assente noutra encosta; Manteigas, no fundo dum vale ladeado de montanhas, Gouveia, S. Romão, Tortozendo, Paúl, e tantas outras povoações.

Qualquer que seja a quadra do ano em que o turista visite a Serra, encontra ali sempre atractivos.

É a vegetação, rica em matas de pinheiros, carvalhos e castanheiros, e de pastagens que se estendem por férteis zonas. São as impressionantes perspectivas que se nos deparam, ao olharmos as altas cristas rochosas dos Cântaros e as suas escarpas abruptas, ou as ravinas alcantiladas, descendo em vertigem pelos Covões; os maravilhosos espectáculos das cascatas que se despenham entre rochas, a cairem de alturas consideráveis, como as da Candieira, de surpreendentes efeitos quando geladas; são as aprazíveis Lagoas, de águas tranqüilas, que se vêem, no inverno, tornadas em magníficas superfícies para patinagem. É o Malhão da Estrêla, a Tôrre, donde se descobre um vasto horizonte que se alarga por tôda a Beira, Estremadura, Alentejo e Espanha, até à Serra da Gata; as Geleiras, em que as neves persistem no verão, e muitos outros lugares, miradouros de empolgantes e fantásticas paisagens.

E ao longo dos cursos de água são freqüentes as fábricas de lanifícios, movidas pela hulha branca que desce da serra.

No inverno, a serra coberta de gêlo, além de um espectáculo admirável, proporciona a prática dos desportos da neve.

O percurso da Covilhã a Belmonte, Manteigas, Penhas Douradas, Gouveia, S. Romão, Loriga, Alvoco da Serra, Unhais, Tortozendo e novamente Covilhã — numa volta como que circular — facilita a visita ao macisso central da serra. Percorrendo ainda a estrada que de Belmonte vai à Guarda e, por Celorico da Beira, leva a Gouveia, completa-se o passeio aos pontos mais importantes da Serra da Estrêla.

COVILHÃ — Quem seguir a estrada que conduz à serra, indo por Castelo Branco, a 750 metros de altura, alcança a Covilhã. Um aglomerado de fábricas escalonadas na ribeira da Degoldra abre passagem à estrada que entra na cidade. A Covilhã, quási exclusivamente cidade industrial, é mais pitoresca vista à distância que de perto. Dependurada na montanha, a meia encosta, com o casario, onde sobressaiem as fábricas, disposto de cima a baixo, é cortada por ruas estreitas, em ladeira.

Os principais monumentos arquitectónicos e preciosidades de pedra trabalhada que ficaram de épocas recuadas são as Capelas românicas de S. Martinho e do Calvário, a Igreja do antigo convento de S. Francisco, com portal gótico, a janela manuelina na rua das Flôres e outra na antiga muralha da cidade. Das Portas do Sol, onde se vêem os restos das muralhas, abrange-se um belo panorama sôbre o Vale do Zêzere.

Saíndo da cidade para as Penhas da Saúde, ao longo do trajecto encontram-se, sucessivamente, a *Mata Florestal*, a *Varanda dos Carqueijais* — varanda debruçada sôbre o ribeiro da Carpinteira pejado de fábricas de lanifícios, e aberta em frente dum horizonte vastíssimo que abrange o Vale do Zêzere e da Gardunha à Serra da Gata, as *Portas dos Hermínios* — engraçado bairro de vivendas perto do Sanatório da C. P., as *Pedras da Marreca* e do *Urso* — curiosos exemplares de granito dos vários que há pela serra, e chega-se, finalmente, às *Penhas da Saúde* — o centro dos desportos da neve e ponto de concentração de excursões, já povoado por bastantes vivendas, a 1.550 m. de altitude, onde o *Ski Clube de Portugal* montou uma cómoda Casa-Abrigo e onde funcionam durante todo o ano um bom Hotel e uma Pensão-Restaurante. Não muito longe, no caminho da *Nave de St.º António* — plaino de fôfa relva com perto de 2 kms. de comprido, donde da estremidade norte se avista, afundada entre montanhas, a pitoresca vila de Manteigas — está o *Lago de Viriato*, pista de patinagem enquanto gelado e, no verão, incomparável piscina natural.

Das Penhas o turista parte para os mais variados passeios pela serra, podendo fazê-los a pé ou de ski. Então, é partir a visitar a *Nave da Areia* — largo campo para a prática de exercícios de ski e trenó, os *Piornos* e os *Poios Brancos* — dois agradáveis lugares donde se abrangem panoramas sôbre o Zêzere e a ribeira de Alforfa, o *Poio do Judeu* — o maior penhasco da serra, o *Espinhaço do Cão* — abrupta passagem para os *Cântaros* — moles formidáveis de granito, dos quais sobressai o *Cântaro Magro*, de 300 m. de altura, as *Geleiras*, o *Desfiladeiro dos Cântaros*—gargantas correndo entre penedias a cavarem abismos, as *Lagoas* — largos lençóis de água de grande beleza, a *Tôrre*, e outros recantos aonde o chamar a curiosidade.

Ainda numa reïntrância da serra, a 23 kms. da Covilhã, estão situadas as termas sulfurosas de Unhais da Serra, aprazível estância de repouso, que no verão goza de animada concorrência.

A Covilhã, base importante do

Nas Penhas da Saúde

movimento turístico da Serra da Estrêla, possui, como é de prever, Hotéis e Pensões, merecendo referência especial o moderno *Neve-Hotel*.

GUARDA — Alcandorada num planalto a 1.039 metros de altura, a Guarda, a cidade mais elevada de Portugal, está como que de atalaia às veredas e pendores da Serra da Estrêla e a dar-lhe acesso a quem pela fronteira de Vilar Formoso entrar no país.

É a nossa mais importante estância de altitude e ali está instalado o moderno e confortável *Sanatório Sousa Martins*.

A sua situação natural deu-lhe, em todos os tempos, o valor duma posição militar de primeira ordem e, assim, a sua história, que vem de longes datas, conta alguns factos de importância que se reflectiram no desenvolvimento da cidade.

«A Idade Média, a Renascença e os séculos XVII e XVIII deixaram ali recordações simples, mas pitorescas. Subsistem ainda bastantes portas de ogiva, janelas manuelinas, varandas de balaústres, alpendradas sustentadas por finos e elegantes colunelos, fachadas macissas de granito com os seus brazões esculpidos e as suas gárgulas, para dar a esta cidadezinha de montanha um carácter bem marcado. O único monumento importante é a Sé, mas êsse é um dos mais imponentes de Portugal». É um magnífico templo gótico, de granito, cuja construção começada no fim do séc. XIV levou mais de cem anos.

Mas deve ver-se ainda principalmente, a Tôrre dos Ferreiros, onde está uma das portas da cidade; a Igreja de S. Vicente, com excelentes azulejos que revestem em parte as suas paredes; as características casas armoriadas dos séculos XVII e XVIII, em redor da Sé-Catedral, a que o aspecto rude do granito cinzento dá uma sóbria robustez; e postada num môrro, no ponto mais alto da cidade a Tôrre de Menagem do Castelo, que é, com alguns restos de muralhas, o que ficou das velhas fortificações da Guarda, sobranceira a uma das vistas mais grandiosas da Serra da Estrêla, e a outras, para os lados de Trancoso e da Marofa, alongando-se pela Espanha dentro.

Fora da cidade, percorridos dois quilómetros no caminho que leva à estação do caminho de ferro, está a Ermida do Mileu, notável construção do mais puro estilo românico, que data do século XII. Partindo da Guarda para Celorico da Beira, a pouca distância da cidade, entra-se no Vale do Mondego. O rio nasce nas faldas da Serra da Estrêla e por elas vai descendo entre verduras e olivedos. E demorando-se a marcha vai-se de visita à Cascata do Caldeirão, às quintas da Ponte e de S. Mateus, ao Vale dos Chãos, ao Horto do Bispo e às ruinas do *castro* de Tintinôlho, donde se descortina uma magnífica paisagem, antiga fortaleza construída por Afonso Magno de Leão em frente da povoação de Cavadoude e a dominar o fertilíssimo vale. Retomando o percurso para Celorico, a caminhada faz-se pelo Vale do Mondego — que neste trôço é uma sucessão de quadros deliciosos — sob toldos de arvoredo, entre oliveiras, soutos e pinheiros, através de vales verdejantes.

MANTEIGAS — Esta curiosa vila, encravada a meio da montanha, a 720 m. de alt., pode denominar-se pela sua situação o centro do turismo da Serra da Estrêla. A Covilhã e a Guarda, Celorico, Gouveia, S. Romão e outras povoações circundantes da serra são, mais pròpriamente, portas de entrada.

De Belmonte a Manteigas a estrada acompanha o traçado do Zêzere. A princípio defronta-se um panorama largo, mas a estrada desce ràpidamente e vai fechando o horizonte, até correr quási ao nível do rio, onde o vale, ricamente cultivado, oferece imprevisto contraste com a palidez dos cêrros despidos de vegetação. Algum tempo depois, começa a subir-se, e a paisagem então modifica-se; é agora mais agradável, proporcionando, à chegada, belos aspectos das vertentes da serra cortadas por ravinas cheias de arvoredo. E chega-se a Manteigas, que tem a valorizá-la, ainda, uma estância hidro-medicinal sulfúrea — no sítio das *Caldas de Manteigas* — e uma estância climatérica de altitude, a 1.668 m., nas *Penhas Douradas*, numerosas indústrias de lanifícios e importantes caudais, fontes valiosas de energia, no Alto Zêzere e seus afluentes.

Deixa-se a vila pela estrada que ladeia o rio na margem esquerda e passa-se, nas Caldas, ao outro lado, com rumo ao *Pôço do Inferno*. Até lá, é permanente encanto o espectáculo da outra vertente, a elevada encosta das Penhas Douradas, e a beleza de quanto o olhar descobre à medida que se vai andando. Mas eis, numa figuração empolgante, forrada de espessa vegetação enraizada nos lugares mais extraordinários, a garganta por onde a ribeira de Liandros cai, tumultuosa, em cascatas sucessivas, de muito alto, sôbre as fragas e entre alcantilados rochedos de formas caprichosas: — é o Pôço do Inferno.

Das Caldas, pelo caminho que sobe à esquerda do rio, num passeio espantoso, vai-se às cascatas da Candieira. Um ramal, à direita, por uma cerrada mata, conduz às Penhas Douradas.

As Penhas — ligadas a Manteigas por uma estrada sinuosa, emoldurada de castanheiros, carvalhos, pinheiros, etc. — são dos mais privilegiados pontos de partida para excursões, pela facilidade de acesso dali ao planalto superior da serra. E está-se perante outros trilhos da montanha, para os Covões, Naves, Cântaros, Lagoas; para os múltiplos recantos emocionantes ou aprazíveis, escondidos nas brenhas, entre tufos de vegetação, encafuados nas gargantas pedregosas, perdidos nos amontoados caóticos de penedias, ou sobranceiros a horizontes deslumbrantes.

Manteigas — Cascata gelada no Pôço do Inferno.
Penhas da Saúde e um aspecto das fábricas da Covilhã

BOLETIM MENSAL DE TURISMO

EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

A Primavera aproxima-se. Com ela, o desejo — talvez hoje mais imperativo do que nunca — de praticar a mais acessível e saudável de tôdas as modalidades turísticas: desvendar os encantos da paisagem provincial, estabelecendo com a Natureza um contacto directo, um íntimo, aprazível e proveitoso convívio.

É o momento de começar-se, em tôdas as regiões geogràficamente apetrechadas para a prática do CAMPISMO, a cuidar da valorização das suas condições naturais e, por todos os meios óbvios, da propaganda das mesmas.

Por isso destacamos, neste local, a seguinte notícia:

Patrocinada pelo S. P. N. e em colaboração com o "Club Nacional de Campismo" e um grupo de campistas do Norte, vai realizar-se no próximo mês de Maio, em Lisboa no Pôrto e em Coimbra, uma grande **EXPOSIÇÃO NACIONAL DE CAMPISMO.**

Destina-se esta oportuna iniciativa a mostrar ao público, através das três secções em que a Exposição se divide — *Campismo, Movimento associativo* e *Comércio* — a evolução, a utilidade e a técnica das várias modalidades do novo desporto; a constituição dos núcleos e grupos que têm procurado desenvolver, dentro dos melhores princípios, o seu exercício, e a competência dos fabricantes nacionais de material de *Campismo*, com a exibição dos respectivos produtos.

Tôdas as informações e esclarecimentos àcêrca da organização dêste valioso certame — (em que haverá também uma secção dedicada aos desportos da *Caça, Pesca* e *Alpinismo*, e outras em que serão apresentados exemplares de uma vasta bibliografia e elucidativos trabalhos fotográficos de assuntos campistas — devem ser solicitados: em Lisboa, na Rua da Palma, 116, 1.º (das 21 às 24 horas) e no Pôrto, na Rua Sampaio Bruno, 36.

O QUE TEMOS EM BEJA DE MAIS CARACTERÍSTICO

MONUMENTOS	IGREJAS E CONVENTOS	MUSEUS	INDÚSTRIA REGIONAL E FOLCLORE
Castelo:	Igreja do Hospital.	Museu Arqueológico.	Correaria (indústria muito enraizada na tradição alentejana).
Construção de D. Afonso III e D. Deniz, sôbre os restos das fortificações romanas.	Igreja da Misericórdia.	Museu Militar (instalado na tôrre de menagem do Castelo).	Barros de Beringel.
A tôrre de menagem, de 40 m. de altura, é de mármore, com janelas geminadas ogivais. Domina um panorama vastíssimo e deslumbrante.	Igreja de St.ª Amaro.	Museu Rainha Dona Leonor (instalado no Convento de N.ª S.ª da Conceição).	Trajos regionais.
Pelourinho.	Igreja e cláustro do antigo convento de N.ª S.ª da Conceição.	**DOÇARIA**	Carros alentejanos.
Arcos Romanos das Portas de Aviz e de Évora.	Igreja de S. João.	Trôxas de ovos.	Canções do Alentejo.
	Igreja de St.ª Maria da Feira (antiga Mesquita moura).	Dôces de gila.	**HOTÉIS, PENSÕES, CAFÉS**
	Igreja do Pé da Cruz.	Dôces de amêndoa.	Consultar o Guia dos Hotéis e Pensões de Portugal.
	Ermida de St.º André.	Dôces feitos com amêndoa e recheio de ovos, com feitios de coelhos, galinhas e outros animais.	
	Convento de S. Francisco (capela dos Túmulos).		
	Convento da Conceição (onde Soror Mariana escreveu as suas famosas cartas).		

ALGUNS PONTOS INTERESSANTES A VISITAR, PARTINDO DE BEJA

VIDIGUEIRA

MONUMENTOS, IGREJAS, ETC.	ESPECIALIDADES — FOLCLORE	DIVERSOS	MEIOS DE COMUNICAÇÃO
Tôrre de Menagem (restos do Castelo, do qual foi senhor D. Vasco da Gama). Igreja da Misericórdia.	Cozinha alentejana. Feira anual: de 10 a 12 de Julho.	Caça. Pode-se praticar o desporto da pesca no rio Guadiana.	*Caminho de Ferro:* Estação de Cuba a 11 kms. — Camionetas da estação para a Vidigueira nos dias 5 de cada mês. Estação do Alvito a uns 10 kms. — Camionetas diárias de Alvito para Vidigueira.

SERPA

MONUMENTOS, IGREJAS, ETC.	ESPECIALIDADES — FOLCLORE	DIVERSOS	MEIOS DE COMUNICAÇÃO
Muralhas mouriscas. Castelo Velho (Tôrre de Menagem). Igreja de St.ª Maria. Igreja de S. Francisco. Convento de St.º António. Portas de Moura. Casa do Infante. Solar dos Condes de Ficalho.	Bolos Regionais. Folhados. Cozinha alentejana. Feira anual de 24 a 26 de Agôsto. Festas de N.ª S.ª de Guadalupe na 2.ª feira de Páscoa.	Panorama do alto da Tôrre de Megem do Castelo. Panorama da Ermida de N.ª S.ª de Guadalupe, a 1 km. da vila de Serpa. Caça e pesca. Na herdade do Peixoto, a famosa árvore Azinheira das Môças, com 4m,30 de circunferência.	*Caminho de Ferro:* Estação de Serpa-Brinches a 7 quilómetros. Automóveis de aluguer. Estradas de ligação com Aldeia Nova de S. Bento, Vila Verde de Ficalho e Pias.

MERTOLA

MONUMENTOS, IGREJAS, ETC.	ESPECIALIDADES — FOLCLORE	DIVERSOS	MEIOS DE COMUNICAÇÃO
Antigas fortificações, Castelo e muralha, hoje, em parte, encoberta pelo casario. Igreja Matriz. Igreja de St.º Amaro da Fonte. Igreja de Entre Ambas as Águas.	Bolos folhados. Cozinha alentejana. Feiras anuais no último domingo de Abril e em 20, 21 e 22 de Setembro.	Mina de S. Domingos (interessante pelas suas perfeitas instalações). Caça e pesca. Partindo de Serpa ou de Mértola, é recomendável um passeio pelo rio Guadiana, aos seus pontos cheios de pitoresco e beleza, como: o Pulo do Lôbo a Rocha da Galé a Toca da Galeana (onde o éco tem efeitos surpreendentes) a Ilhota da Horta do Rei.	Camionetas de Beja a Mértola, todos os dias. Distância de Beja a Mértola: 52 kms.

ALVITO

MONUMENTOS, IGREJAS, ETC.	ESPECIALIDADES — FOLCLORE	DIVERSOS	MEIOS DE COMUNICAÇÃO
Igreja Matriz (rica de arquitectura. Ver os azulejos). Ermida gótica de S. Sebastião. Castelo de Alvito.	Cozinha alentejana. Bolos folhados e de mel. Feira anual de 1, 2 e 3 de Novembro.	Panoramas dos Outeiros de S. Pedro e S. Miguel. Caça.	*Caminho de ferro:* Estação de Alvito a 3 kms. Deligências.

MOURA

MONUMENTOS, IGREJAS, ETC.	ESPECIALIDADES — FOLCLORE	DIVERSOS	MEIOS DE COMUNICAÇÃO
Convento do Carmo. Igreja Matriz. Igreja de S. João Baptista. Fonte árabe. Fortaleza.	Cozinha alentejana. Festas de N.ª S.ª do Carmo de 4 a 6 de Outubro. Feiras de 18 a 20 de Maio e de 8 a 16 de Setembro.	Casa da Câmara. Caça. Passeios às margens do Guadiana. **Em Moura Águas alcalinas medicinais**	*Caminho de ferro:* Estação na vila. Distância de Beja a Moura: 59 kms.

FIM DE SEMANA no Alentejo, com BEJA por ponto de partida: – A faina rural, tão variada e pitoresca... As paisagens grandiosas... Os castelos, tão evocativos e altaneiros... Os costumes, os usos e os trajos da boa gente do campo... Os impressionantes coros... – Quanto para ver, ouvir e gravar no nosso espírito, ao longo de uma viagem por esta região alentejana!

UM MUSEU DO VINHO

Cavando a vinha. ✠ Trabalho de tanoaria. ✠ Espremendo uva da prensa de fuso. ✠ Tanoeiros do Reno. — Gravuras em madeira do Sec. XVI, publicadas no calendário do «Reportório dos Tempos», de Valentim Fernandes [1518].

HESITEI ao encabeçar estas linhas com o título «Um Museu do Vinho»... Evidentemente, o público ledor ainda não está preparado para, sem sorrir ao lembrar-se dum estendal de taberna, aceitar tal idéia como uma realização séria. Teria sido mais prudente, talvez, começar por uma longa introdução explicativa... mas não há tempo, nem espaço.

Assente-se nisto: o grau de cultura dum povo avalia-se pelo estado de desenvolvimento da sua museologia. E, sob êste ponto de vista, é tão importante um museu de arte, como um museu industrial, especialmente se êste fôr montado nos moldes do museu do vinho, tal como êle é por nós concebido. Porque, se não pode catalogar-se entre museus de arte, não deve sê-lo, tãopouco, na classe dos industriais ou técnicos — e a razão está na influência social que tem o produto que lhe dá o nome.

O vinho encontra-se na base de muitas obras de arte — quantas tem êle influenciado!

Nas artes plásticas, os motivos fornecidos pela videira são inúmeros: o cacho, a parra, os sarmentos, o próprio corpo da cêpa dramàticamente torcido. Nos Jerónimos, por exemplo, a sua presença regista-se nos baixos-relevos da pia baptismal; é sob uma parreira, formando docel, que o escultor J. Simões de Almeida (Sobrinho) modelou as suas «Ninfas chorando a morte de Inês de Castro» — e as esculturas «Vindimador», de Henrique Moreira, «Mulher com um cacho de uvas», de António da Costa, continuam provando o mesmo interêsse do artista.

Na pintura, telas de mestre celebrizaram o vinho e a uva: Malhôa, nos célebres «Os bêbedos»; Carlos Reis, em «Uma saúde aos noivos» e «A merenda»; Chaves, na «Muita parra e pouco uva»; Condeixa, no grande quadro «Vindima» e no «Tosquiando uvas».

À literatura, a vinha e o vinho deram pretextos sugestivos: Gil Vicente, no Auto «Pranto de Maria Parda», faz uma resenha dos vinhos portugueses e suas qualidades; João Penha, dedicou-lhe versos preciosos; Eça de Queiroz, faz-lhe referências inúmeras, mostrando-se verdadeiro conhecedor das maravilhas enológicas.

No folclore, a cada passo se topa com o seu concurso nas decorações ingénuas, saídas das mãos delicadas do artífice humilde; e quantos bardos anónimos, nele inspirados, enriqueceram a poesia popular! Quer na arte erudita, quer na arte popular, quer na história, a sua existência marca-se, indelével.

No campo social, a influência do vinho é ilimitada: pois se a vinha tem de reputar-se como a

nós representa «a mais sã e a mais higiénica das bebidas», na frase de Pasteur, legada pela sabedoria de Noé e divulgada pela propaganda de Baco.

O Museu do Vinho, planeado nas largas linhas gerais que ficam esboçadas, vai ser uma realidade em Portugal e ficará sendo único pela concepção que o engendrou. Existem já, em França, na cidade borgonhesa de Beaune, e na Alemanha, na cidade renana de Tréves, colecções de alfaias vinárias, de copos, de utensílios usados pela viti-vinicultura regional, mas nenhum «museu» ainda foi criado, embora aquelas colecções locais assim sejam denominadas.

O nosso museu terá carácter nacional, abrangerá o geral e o particular, considerando o pormenor regional, mas integrado no todo, afim-de dar uma vista completa da Técnica e da Cultura do vinho em Portugal.

Situado numa importante região vinícola, constituirá, ainda, apreciável atracção turística, enquadrada num ambiente próprio.

ANTÓNIO BATALHA REIS

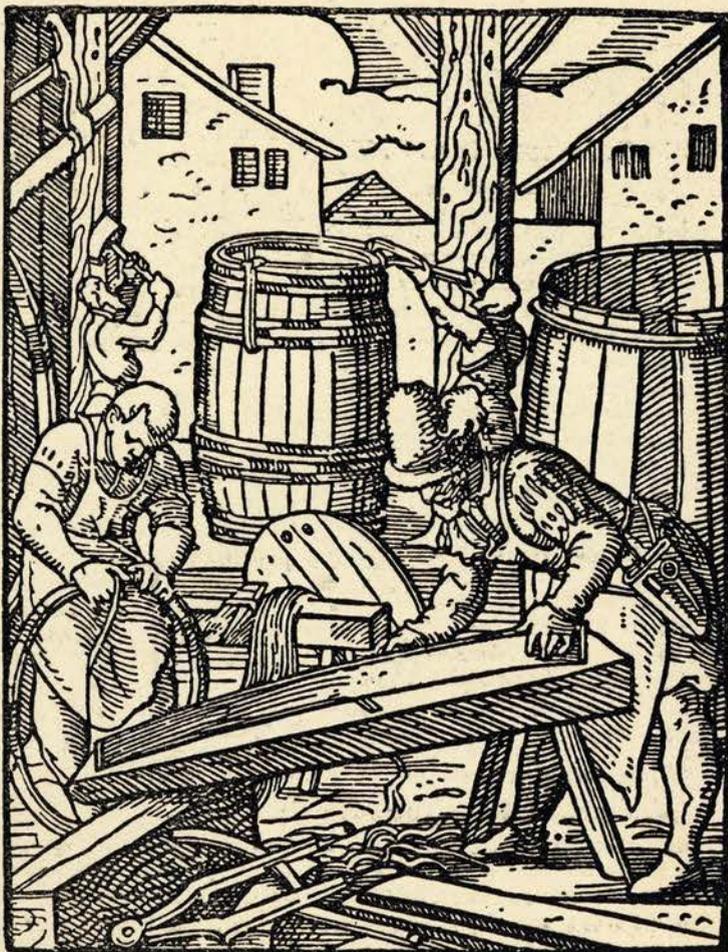
O GRAU DE CULTURA DUM POVO AVALIA-SE PELO ESTADO DE DESENVOLVIMENTO DA SUA MUSEOLOGIA

cultura mais colonizadora que se conhece! — Que grau de prosperidade teriam certas regiões se não fôsse a vinha? Há-as onde a vida é totalmente dominada pelos interêsses vinícolas, como no Douro ou na Estremadura, onde uma psicologia característica e uma mística peculiar se criaram à sua volta.

Sob o ponto de vista económico basta dizer que, para nós, o vinho é dos produtos mais valiosos; fonte de riqueza, elemento poderoso de troca internacional.

E até o seu aspecto político é de considerar: — Não será o «Pôrto» um admirável embaixador português lá fora? — Não serão os nossos vinhos preciosos propagandistas de Portugal? — Quantas vezes foi sôbre o vinho que se lançaram impostos para obter receitas destinadas à defesa nacional — como na Guerra da Restauração — ou para custear melhoramentos públicos, como na construção dos chafarizes de Lisboa (divertida ironia!) com a designação de «Real d'Água», durante o século XV.

Ora, é tudo isto, são todos os interêsses, actividades, valores, que gritavam à volta do vinho, ou a êle estão intimamente ligados, que podem ser representados — e devem sê-lo — num museu. Ao lado da representação puramente industrial e técnica da evolução dos seus processos de amanho e de fabrico, coloquem-se os espécimes de arte, que receberam directa influência da vinha, e ter-se-á a medida da expansão da «Cultura» nascida na cêpa.

Realizado em extensão e em profundidade o Museu do Vinho contribuirá poderosamente para demonstrar o nível da vida portuguesa em muitos aspectos curiosos, fornecendo subsídios para que se crie a consciência justa sôbre o valor que para

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Casa do Ribatejo

Encontra-se em organização e tem já a sua sede provisória instalada na Travessa do Cidadão João Gonçalves, 20, r/c. d.º, ao Intendente (Telef. 4 0808), a *Casa do Ribatejo.*

A Comisão Fundadora fêz distribuir uma circular em que apela para o bairrismo de todos os ribatejanos, afim-de contribuirem para o engrandecimento e progresso da colectividade, sublinhando, a-propósito, que o Ribatejo era a única província metropolitana que não tinha a sua Casa representativa na capital do país. Publicou, ainda, um *Programa-Esbôço da Acção a Desenvolver,* onde declara que, sendo múltiplos os aspectos em que se propõe manifestar-se (cultural, económico, recreativo, turístico, desportivo, tauromáquico, etc.), a sua finalidade será, no entanto, única: — «engrandecer e prestigiar tôda a região, contribuindo para o seu progresso, pugnando pelos seus interêsses, propagando as suas belezas e impondo os seus valores.»

PANORAMA faz votos pelas prosperidades da nova agremiação, aconselhando os seus leitores ribatejanos e amigos dessa admirável província a que se inscrevam como sócios.

Três Concursos do S. P. N.

De Montras

Sob a presidência do Director do S. P. N. reüniu-se o juri do *Concurso de Montras de 1942,* constituído pelos srs. arquitecto Jorge Segurado e pintor-decorador Carlos Botelho.

Apreciados e julgados os vários concorrentes, foram atribuídos os seguintes prémios: — «Prémio Taça de Prata», categoria A: à montra «Alegoria ao 47.º Natal», do *Instituto Pasteur de Lisboa.* — Prémio de 2.000$00: ao artista-decorador Roberto de Araújo, autor do projecto e da sua realização. — Primeiro prémio, de 2.000$00, categoria B: à montra «Publicidade de notoriedade aos laboratórios e especialidades farmacêuticas», do *Instituto Pasteur de Lisboa.* — Segundo prémio, de 1.500$00, à categoria B: à montra da *Loja das Meias* — Costa & Filho, Lda.

Das Estações Floridas

O interêsse que êste certame despertou nos chefes das estações de Caminhos de Ferro do país, forçou o juri a dar maior atenção aos arranjos decorativos apresentados êste ano, alguns dos quais alcançaram quási plenamente o objectivo da iniciativa. Foi, por isso, necessário repetir-se algumas visitas, afim-de se avaliar com justiça o esfôrço dos numerosos concorrentes.

Os resultados verificados foram os seguintes: 1.º prémio (2.500$00), à estação de *Castelo da Maia* — Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal. 2.º prémio (1.500$00), à estação de *Portimão* — Sul e Sueste, Ramal de Portimão. 3.º prémio (1.000$00), à estação de *Carcavelos* — Sociedade «Estoril». Foi classificada, *fora de concurso,* com Diploma de Honra, a estação de *Luso-Buçaco.*

De Monografias Regionais

Já deram entrada na respectiva secção os trabalhos destinados ao Concurso de Monografias da *2.ª Zona* — que abrange as províncias da Beira Litoral, Beira Baixa, Estremadura e Ribatejo.

O juri nomeado para os apreciar, deve reünir em breve, afim-de atribuir os prémios, que são de: 3.000$00, 2.000$00 e 1.000$000.

Postais de Turismo

Temos salientado, em vários números, a evidente importância dos postais ilustrados, como elementos de propaganda turística. Propaganda eficaz, se os postais forem bons — propaganda contraproducente, se forem maus... Claro como água!

Que não prègamos, felizmente, no deserto, veio agora provar-nos Figueiró dos Vinhos, com a iniciativa de pedir aos Serviços de Turismo do S. P. N. a sua assistência técnica, enviando lá um fotógrafo de reconhecida competência.

O resultado ver-se-á no próximo número de PANORAMA, nas reproduções das excelentes fotografias em que Eduardo Portugal — o fotógrafo escolhido — fixou diversos aspectos característicos da pitoresca povoação.

Sabe-se que, também por inspiração da nossa campanha, vai ser brevemente editada uma curiosa colecção de postais turísticos de Sintra.

Concurso para um Cartaz

O Grupo *Amigos da Lousã,* com o fim de tornar conhecida a sua terra, como uma das nossas mais aprazíveis estâncias de Verão, abriu entre os artistas portugueses um concurso para a realização de um cartaz de turismo, para o qual é atribuído um prémio único de 1.000$00.

O encerramento do concurso será em 15 de Março próximo, estando as bases do mesmo patentes no L. do Terreiro do Trigo, 4, 1.º, e na 1.ª Secção dos Serviços de Turismo do S. P. N., na R. da Rosa, 277, 2.º

Salvemos os Pinhais

No nosso penúltimo número, na legenda de uma fotografia de pinheiros, reproduzida em «hors-texte», aconselhámos os proprietários e os silvicultores a que acatassem rigorosamente as instruções emanadas pela Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aqüícolas, afim-de se evitar o desenvolvimento e a propagação da terrível doença (provocada pelo «Bóstricos») que atacou, depois do ciclone de há dois anos, grandes extensões de pinhais.

Os referidos Serviços mandaram agora afixar, por todo o país, cartazes elucidativos (de que apenas lamentamos a deficiente qualidade gráfica) onde são indicadas as seguintes medidas fundamentais: 1.º — *Corte tôdas as árvores que estão a secar, bem como tôdas aquelas que, embora parecendo sãs, apresentam pequenos buracos, rodeados ou não de resina, e donde sai serradura.* 2.º—*Em seguida ao corte, tôdas as árvores abatidas devem ser descascadas e queimada a casca.* 3.º—*Para que o trabalho fique perfeito, todos os troncos devem ser chamuscados, tomando-se tôdas as possíveis precauções contra os incêndios.* 4.º — *Os cepos devem ser descascados e a casca queimada.* 5.º — *Também as ramas devem ser queimadas, quanto antes, em fornos, ou em qualquer aplicação útil.*

Urbanização da Covilhã

Causou viva e agradável impressão na Covilhã a notícia, há pouco publicada, de ter sido dotada pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações com uma comparticipação de mais de 800 contos, a obra de urbanização da Praça do Município, que a Câmara Municipal empreendeu.

Vai, assim, resolver-se o delicado e premente problema da circulação no centro desta importante cidade industrial — que é, ao mesmo tempo, a «capital» de uma das mais belas e prósperas regiões turísticas do continente.

Conferência sôbre Turismo

O Sr. Francisco Câncio Tarracha realizou, há pouco, na sala das sessões da Câmara Municipal de Vila Franca de

Xira, uma conferência subordinada ao título «O Turismo entre nós», que se dividiu em três capítulos: — *Função económica, Função estética* e *Função moral.*

Apraz-nos registar êste acontecimento, salientando a indiscutível utilidade das iniciativas dêste género — tanto pela propaganda dos valores regionais, como pelo estímulo efectivo que representam para o incremento do turismo nacional.

Um Concurso Fotográfico

A casa *Instanta,* especializada em artigos e trabalhos fotográficos, continua, como no ano anterior, a atribuir um prémio mensal ao melhor dos negativos que são entregues aos cuidados dos seus laboratórios. O prémio consiste numa grande ampliação, que fica exposta durante o mês seguinte numa das montras da referida casa, na R. Nova do Almada, 55, em Lisboa.

Quando a fotografia premiada fôr de interêsse turístico, PANORAMA publicá-la-á nas suas páginas.

Em Viana do Castelo

As invulgares condições naturais do magnífico centro de atracção que é a cidade de Viana do Castelo, vão ser justamente valorizadas, mais uma vez, com uma obra de vulto e de grande alcance turístico: — O prolongamento da «Avenida Camões», (a lindíssima Avenida Marginal do Lima), até à freguesia de Meadela, no lugar de Argaçosa.

Os terrenos que constituem o actual atêrro ficarão limitados por um cais, e neles será construído, dentro de algum tempo, o «Parque Salazar», que se estenderá até aos pântanos das Azenhas de D. Prior, devidamente aterrados.

Jardins Portugueses

PANORAMA inaugura, no próximo número, uma série de artigos consagrados à paisagem e, especialmente, a jardins, de que será autor o professor de *Arquitectura Paisagista,* do Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, Eng.º Francisco Caldeira Cabral.

Êsses artigos — ilustrados com fotografias e desenhos — destinam-se a esclarecer o público acêrca da complexa arte da jardinagem, tendo em vista os caracteres morfológicos do território continental, e os tradicionais elementos específicos e ornamentais dos jardins portugueses.

"Panorama" regista

* O êxito da exposição do pintor brasileiro Cícero Dias, efectuada em Dezembro no estúdio do S. P. N., e recentemente repetida na cidade do Pôrto.

* A reedição do 1.º tomo das *Farpas* — consagrado às nossas paisagens e monumentos — e de *O Culto da Arte em Portugal,* constituíndo os dois primeiros volumes da Obra Completa de Ramalho Ortigão. (Edição *Clássica Editora).*

* A notícia, há pouco divulgada, da organização de um *Museu Etnográfico* em Viseu.

* *A Exposição Rosa Araújo,* comemorativa do cincoentenário do seu falecimento — realizada pela Câmara Municipal de Lisboa, no Palácio Galveias.

* A recente publicação do 6.º volume da *Etnografia da Beira,* do Dr. Jaime Lopes Dias — que trata de: *Lendas, Romances, Costumes, Indústrias rurais, Crenças, Superstições e Linguagem.*

* A série de editoriais publicados no *Diário de Notícias,* em que é justamente apreciada a notável acção desenvolvida pela *Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aqüícolas.*

* O bom gôsto e a graça dos arranjos ornamentais de algumas montras de estabelecimentos do Chiado — nomeadamente as do *Ao Último Figurino.*

* A reïntegração do templo de Santa Maria dos Olivais, em Tomar, na sua primitiva traça e imponente beleza arquitectónica.

O TURISMO E A SUA IMPORTÂNCIA COMO ELEMENTO DE PROGRESSO

Com êste título, publicou o diário nortenho Correio do Minho, *num dos seus números de Janeiro, um oportuno artigo, de que reproduzimos os passos principais:*

«Sob o aspecto turístico, Portugal tinha condições especiais que o poderiam tornar, mercê de um esfôrço devidamente orientado, numa região de excepcional prazer, quer para nacionais, quer para estrangeiros. Infelizmente, porém, indústria tão rendosa, que por completo poderia transformar a vida de certos pontos do país e, de uma forma geral, contribuir para a economia nacional, era desprezada, em prejuízo de todos nós.

«Foi com o Estado Novo que o turismo tomou impulso apreciável; melhor: foi com êle que se desenvolveu, entre nós.

«Integrado, assim, o país no ambiente novo que lhe fôra criado, desenvolveu-se então outra espécie de turismo, que mais poderemos classificar de local ou, quando muito, de regional; mas que, sem dúvida, embora fazendo parte do todo, é o mais sugestivo, o mais — digamos — afectuoso, pelas suas evocações, muitas das quais constituem verdadeiras revelações para os próprios nacionais.

«Queremo-nos referir ao papel preponderante que o chamado *folclore* desempenha, tanto mais que êle é um quadro vivo dos nossos usos e costumes, enfim, das nossas tradições, de tudo o que além do mais pode impressionar e tornar-se contribuïção valiosa para os objectivos essenciais, no tocante ao desenvolvimento turístico do país.

«É assim que por tôda a parte se acentua uma ânsia enorme de tornar conhecido o que de mais sugestivo as diversas localidades encerram, desde a sua situação no sopé de um monte, no alto de uma colina ou junto de bucólicas margens de poético rio, até a pequenina e votiva ermida caiada de branco, no alto de uma serra, de onde se estende, a perder de vista, largo e impressionante panorama.

«Quer em guias próprios ou em berrantes cartazes, ou mesmo em simples notícias de jornais, não faltam elementos de propaganda desta natureza, a título de uma festa que se realiza ou de um melhoramento que vai inaugurar-se.

«Vê-se, portanto, que, a despeito de tudo, o turismo é um impulsionador importante do progresso das terras e, por conseqüência, um factor que não pode desprezar-se. Por isso mesmo está sendo aproveitado valiosamente, podendo dizer-se que entre nós já muitas localidades viviam exclusivamente dêle.

«Era o que se dava antes das circunstâncias que impediram o seu maior desenvolvimento, isto é, antes do momento delicado que vivemos.

«A-pesar-de tudo, ainda muitas circunstâncias militam em seu favor e, sempre que estas se tornam propícias, não deixam de ser aproveitadas.

«Não permite a hora que atravessamos desenvolver, neste particular, uma acção notável que de momento possa ser aproveitada. Mas não quere isto dizer que se não semeie, para se colher no futuro. É o que por muita parte se faz; é, mesmo, o exemplo que o organismo coordenador do turismo no país nos dá.»

CONCURSO DA CASA PANORAMA

PANORAMA *a nossa revista, no desejo de continuar a contribuir objectivamente, pràticamente, para o desenvolvimento turístico do país, nos seus múltiplos aspectos e, em particular, no da Estética Arquitectónica, resolveu abrir um grande Concurso, cujas bases condicionais publicaremos no próximo número. Por hoje, esclarecemos os nossos leitores, dizendo que o Concurso da* **CASA** PANORAMA *se destina, especialmente, aos Alunos do Curso Superior de Arquitectura de Lisboa e do Pôrto, podendo, no entanto, concorrer todos os Jovens Arquitectos Portugueses. Consiste, na sua linha geral, na realização de projectos para pequenas casas «Fim-de--Semana», destinadas a serem construidas por particulares em pontos pitorescos do Campo e da Beira-Mar, nos arredores das nossas principais cidades – e tendo em vista o aproveitamento dos materiais locais. Serão atribuídos três prémios pecuniários, de quantias apreciáveis, aos Artistas que nos projectos apresentados atendam, com maior inteligência, aos seguintes fundamentais aspectos: – Bom Gôsto, Comodidade e Economia. Com o Concurso da* **CASA** PANORAMA *pretende-se, pois, não só esclarecer o público acêrca das possibilidades e processos de construção de casinhas de repouso práticas e económicas – em que não seja esquecida a função estética da arquitectura regional – mas, também, estimular os futuros e jovens Arquitectos, orientando, simultaneamente, quem deseje mandar construir, nas condições apontadas, uma pequena casa onde possa, com a família, passar as Férias ou os Fins--de-Semana, longe dos centros urbanos. PANORAMA publicará, em números sucessivos, os projectos premiados.*

LEIAM NO NOSSO PRÓXIMO NÚMERO AS CONDIÇÕES DO CONCURSO DA CASA

TERRAS VELHAS RENOVADAS

(Continuação da pág. 13)

O Convento foi-se ampliando sucessivamente e, a-pesar-de alguns incêndios, que o devoraram, renascia cada vez maior e mais rico, até atingir, entre os séculos XVI e XVIII, um fausto raro entre todos os outros do País, mercê dos direitos reais, abundantes foros, doações e dotes das noviças — oriundas das melhores famílias do País — e das esmolas dos devotos que acorriam «de todos os pontos cardiais» a solicitar as graças da *Rainha Santa* ou a agradecer os milagres, numa romagem que chegou a ser das mais grandiosas de Portugal e ainda se mantém com imponência e fulgor invulgares.

À vida monástica (que ainda hoje se pode visionar através das instalações locais de doçaria e outras) austera mas rica, andam ligadas tradições românticas e reminiscências literárias e galantes de «outeiros», algumas das quais inspiraram, ou serviram de fundo, para bons livros.

Camilo e Abel Botelho ligaram Arouca às suas obras e, modernamente, o cinema fixou na tela êste cenário de maravilha nas «Mulheres da Beira», uma das primeiras realizações da filmagem nacional.

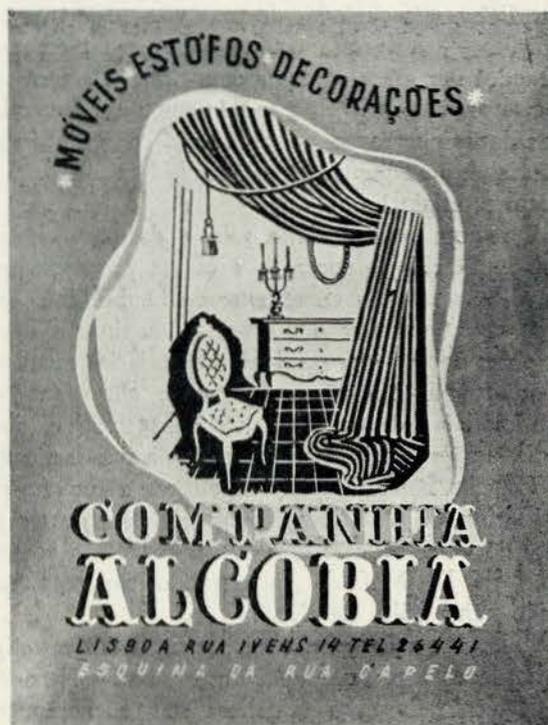
No século XIX, com a morte da última freira bernarda do Convento, iniciou-se nova modalidade de destruição com um furioso saque de todos os valores morais, artísticos e materiais, que ali se foram acumulando, num labor constante e culto, através dos séculos.

O Govêrno «liberal», servido pelos zelosos mandatários, que bem se queriam servir, ordenou o esvaziamento do «antro». Centenas de carros cheios de preciosidades, empilhadas a êsmo, tomaram os caminhos de Aveiro e Lisboa e, por caminhos estranhos, foram parar a estranhos destinos. Diz-se que grande parte de tantas preciosidades por aí ficou...

O povo amotinou-se — pobre ingénuo, inculto mas instintivamente heróico, sempre generosamente disposto a defender o que a inteligência ou o coração lhe dizem ser o bem contra o mal — e, a-pesar da intervenção dos esbirros da desordem, conseguiu-se ainda salvar alguma coisa, e tudo foi ciosamente guardado.

Pode hoje ser admirado ou estudado no museu local, de instalação modesta para o valor intrínseco e artístico das maravilhas ali expostas, o que se salvou da voragem.

O amor dos arouquenses por aquelas relíquias tem sido demonstrado muitas vezes, por actos que redimem as faltas alheias e que custaram perdas valiosas. Cito para exemplo o caso de um precioso e invulgar díptico do século XII, de prata dourada, com esmaltes ao gôsto bizantino, de valor incalculável e um pequeno cofre de relíquias romano-gótico, os quais, a despeito da tenta-

dora valia material e da época cujas características tanto favoreciam, pelas tendências do livre-pensadeirismo e da traficância, facilidades de uma transacção em boas condições — estiveram ocultos durante muitos anos, guardados por mãos piedosas que, passada a tormenta, os entregaram, voluntária e anònimamente, à Irmandade erecta da Rainha Santa, porque esta já constituía idónea garantia de boa guarda... A honestidade aliada à fé, operam prodígios!

A remota origem desta vila e do seu convento, as circunstâncias enumeradas e outras ocorridas antes e depois da reforma cisterciense de D. Mafalda fàcilmente fazem calcular o número e imaginar a importância dos documentos originais e cartulários guardados no arquivo do Mosteiro. Alexandre Herculano visitou-o oficialmente em viagem de inspecção e, pouco depois, um emissário seu assinava pela Academia Real das Ciências um recibo que legalizava a transferência para Lisboa de centenas de pergaminhos e outros preciosos documentos, sem que tivesse esquecido «o testamento de D. Mafalda encadernado em marroquin, metido numa bôlsa de sêda».

Muito ficou, todavia: obras de arte, alfaias religiosas, bordados, tapeçarias, documentos, a mole imponente do Convento de traça grandiosa com a monumental igreja rica de adornos, duplamente santificada com o corpo e túmulo onde jaz a Santa Rainha. A vila risonha, reclinada sôbre um tapête de vegetação luxuriante franjado pela frondosidade do copado arvoredo que a ensombra, abre ao visitante as largas cortinas policromas, que descem pela falda ínvia da serra, púrpura e ouro da urze e das giestas a bordar o fundo verde que desce até à flor da água, orgulhosa do passado, esquecida das más horas e senhorilmente acolhedora para os visitantes.

Pode mesmo afirmar-se que, se o Herculano investigador foi rìgidamente ávido com o que era transitório entre os valores de Arouca, deixou porém como estilista e como homem de sensibilidade apurada, uma página dos seus «apontamentos de viagem» que os arouquenses guardam como relíquia preciosa que êle generosamente lhes ofereceu:

«Torneia-se o monte e começa a descida para o vale de Arouca. A encosta e o vale igualam em beleza a Sintra, e excedem-na em vastidão: a estrada segue por uma légua debaixo de arvoredos cerrados ou de pequenos campos orlados de árvores e videiras e ouvindo-se a espaços o cair das levadas que atravessam o caminho ou o ladeiam. Chegada ao Mosteiro depois de anoitecer...».

Uma palavra que eu acrescentasse para exaltar a paisagem era sacrílega; mais uma nota sôbre a tradição seria pedante. Herculano, Ramalho, Camilo, Abel Botelho e tantos outros... Para que dizer mais se já está dito o melhor, e a verdade é eterna?

T. A.

BERLENGAS

(Continuação da pág. 7)

Quando o anoitecer se aproxima, regressa-se à Fortaleza. Por acaso — ¿demos um pontapé numa pedra e esta caiu no mar? Lá em baixo deu-se uma explosão de luz verde. Há noites de ébrias fosforescências. Se nos atiramos à água e nadamos, o corpo fica luminoso e os movimentos fabricam desenhos deslumbrantes.

Porém, em noites de luar, dos torreões da Fortaleza, nada de mais saturadamente romântico. O oceano de leite sulcado por manchas negras de cardumes; nas baías as traineiras de pesca descansam depois de um dia de labutar incessante; morrões embebidos em gasolina bruxuleiam lampejos de fogo pálido sôbre as águas quietas e escurecidas pela sombra nocturna dos contrafortes rochosos.

As férias na ilha são sempre proveitosas. Há a Fortaleza, (1676). Corredores escuros alcatifados de musgo verde, escadas e portas de castelo, torreões e ameias, arco e passagens escondidas. Tudo aninhado sôbre um rochedo. Mas aquele verde, aquela transparência agitada pelos braços das algas, os gritos das gaivotas picando nas ondas, a luz do sol laqueando os tufos de avenca pendentes das paredes das cavernas e o vaguear de barco o dia inteiro, de surprêsa em surprêsa, atravessando arcos ou sentindo a fôrça do mar que nos atira de encontro à rocha...

É magnífico para o sonho e para o descanso... Ou então para a aventura, para os esforços violentos, desportivos. Subir ou descer precipícios, pé aqui, pé ali, sempre com receio de que a rocha se esboroi, mas não podendo, de modo algum, recuar, dá ao corpo uma agilidade espantosa e ao espírito a coragem para aceitar o convite dos pescadores — quando, com risco da vida, procuram os ovos das gaivotas, ou se preparam para passar uma noite em luta com o mar e o vento, por amor de uns cestos de sardinha.

Falar da ilha, da «nossa ilha», não chega, para quem há nove anos a conhece. Há sempre um pormenor, uma réstia de sol, uma gruta a desvendar. E nem tudo vem na página 215 e seguintes dos «Pescadores» de Raúl Brandão. Pode disso estar certo Miguel Torga. Quanto ao modo de sentir e arte de descrever, estamos de acôrdo...

RUY CINATTI

BEJA

(Continuação da página 23)

«As ruas perderam, quási tôdas, o seu primitivo aspecto, mas nos sítios do Esquível e do Ulmo os palácios brasonados, as janelas quinhentistas e as rótulas de gelosias evocam a lembrança da vetusta cidade rural que foi assento de príncipes, cunhou moeda, teve dentro dos seus muros o mais rico convento do Alentejo, e viu passar nas suas calçadas as cavalgadas brilhantes de Briquemault e de Chamilly. Por tôda a cidade são ainda vulgares os arcozinhos de ogiva e as janelas de ferros ondulados, não deixando também de ser pitoresco o uso que se mantém de inscrever os números das portas em pequenas molduras de azulejo. Se a tudo isto acrescentarmos os largos horizontes, infinitamente vagos, de uma grandeza impressionante, que se descortinam dos pontos culminantes da cidade, teremos dito o suficiente para se concluir que Beja merece bem ser incluída num programa de peregrinações lusitanas.»

Um dos elementos arquitectónicos de maior interêsse é — pelo encanto plástico do seu recorte e pela vastidão do panorama que domina — o Castelo, de primitiva construção romana e cuja tôrre de menagem, em mármore, (análoga à de Estremoz) se eleva a quarenta metros de altura e foi edificada por D. Denis, em 1310. O seu forte poder de evocação histórica inspirou ao poeta Mário Beirão uma das suas mais belas composições — a poesia intitulada *Castelo de Beja:*

Castelo de Beja
No plaino sem fim;
Já morto que eu seja
Lembra-te de mim!
... ...

Castelo de Beja,
Feito de epopeias;
Um sonho flameja,
Nas tuas ameias!
... ...

A. NOGUEIRA

AVENIDA FONTES — LISBOA-PORTUGAL

É, EM LISBOA, UM HOTEL EUROPEU DE FAMA INTERNACIONAL

SUISSO ATLÂNTICO

Hermida *Martins, Lda*

HOTEL

UM HOTEL SOSSEGADO E CONFORTÁVEL COM PREÇOS MÓDICOS

DIRIGIDO PELOS SEUS PROPRIETÁRIOS

RUA DA GLORIA, 19
LISBOA

TEL. P. B. X. *2 1925*
2 7260
2 4216

AVENIDA PALACE HOTEL

LISBONNE / À CÔTÉ DE LA GARE CENTRALE

130 chambres / 80 avec salle de bain
Téléphone dans toutes les chambres
Chauffage centrale
Déjeuner et Dîner—Concert
AMERICAN BAR

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 123 / TELEFONE 2 0231

GRANDE HOTEL DO PÔRTO

O melhor do norte do país. Todo o confôrto moderno. Situado no melhor local da cidade

R. DE SANTA CATARINA, 197
Telefones: P B X 58 e 59 / Estado 103
Telegramas: GRANDOTEL - PÔRTO

★

VICTÓRIA HOTEL

O Hotel mais moderno de Lisboa e com a melhor situação

AVENIDA DA LIBERDADE
Telefones: P B X 4 9122 e 4 9123
Telegramas: VICTORIAOTEL-LISBOA

★

HOTEL ATLÂNTICO

A melhor situação. O melhor tratamento. Grandes terraços sôbre o mar. Todos os quartos voltados ao mar, têm balcões privativos

MONTE ESTORIL
Telefones: P B X 270 e 271
Telegramas: ATLÂNTICO - ESTORIL

RUA DA ROSA, 309-315 · TELEF. 2 6930 · LISBOA